





MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO

David O. MacKay

Ser portador do Sacerdócio de Deus por investidura divina é um dos maiores dons que o homem pode receber, e para o qual a dignidade é extremamente importante. A própria essência do Sacerdócio é eterna, e bendito aquele que compreende o encargo de estar representando a Deidade. Deveria senti-la a tal ponto de estar cōnscio de seus atos e palavras, sob quaisquer condições. Nenhum homem portador do Santo Sacerdócio deveria tratar sua esposa desrespeitosamente. Nenhum homem portador do Sacerdócio deveria deixar de pedir a bênção para o que come ou de ajoelhar-se com mulher e filhos, a fim de rogar pela orientação divina. O lar transforma-se, quando o homem o possui e honra. Não nos cabe usá-lo ditatorialmente, pois diz o Senhor que, quando “tentamos encobrir os nossos pecados ou satisfazer o nosso orgulho, nossa vã ambição, exercer controle ou domínio ou coação sobre as almas dos filhos dos homens, em qualquer grau de injustiça, eis que os céus se afastam; o Espírito do Senhor se magoa; e, quando se afasta, amém para o Sacerdócio ou a autoridade daquele homem.” (D&C 121:37) Esta revelação do Senhor dada a Joseph Smith é uma das mais belas lições de pedagogia ou psicologia e governo de todos os tempos, e deveríamos lê-la seguidamente na seção 121, de Doutrina e Convênios.

Não nos esqueçamos de que somos membros da maior irmandade do mundo inteiro — a irmandade de Cristo — e empenhemo-nos todos os dias, o dia inteiro, em manter os padrões do Sacerdócio.

Vivamos uma vida honesta, sincera. Sejamos honestos com nós mesmos, com nossos irmãos, nossa família, com as pessoas com quem lidamos, constantemente honestos, pois estamos sendo observados, e a base de todo o caráter reside nos princípios da honradez e sinceridade.

Deus é o guia desta Igreja. Sede leais para com a vossa família.

Protegei vossos filhos. Orientai-os, não arbitrariamente, mas pelo bondoso exemplo de pais amorosos, contribuindo, assim, para o fortalecimento da Igreja através do Sacerdócio exercido em vosso lar e vossa vida, eu oro em nome de Jesus. Cristo. Amém.

NESTE NÚMERO

Mensagem de Inspiração.	2
David O. MacKay	
A REVISTA DESTE MÊS	3
O PODER DO SACERDÓCIO	4
Presidente Harold B. Lee	
O SACERDÓCIO, Uma Hoste Real.	7
Presidente N. Eldon Tanner	
O CONVÊNIO DO SACERDÓCIO.	9
Marion G. Romney	
SACERDÓCIO, Sua Força e Vitalidade.	11
Presidente A. Theodore Tuttle	
RESPONSABILIDADE DO SACERDÓCIO	14
Wilford Woodruff	
Chaves Eternas...	20
Joseph Fielding Smith	
O Que Dizer do Sacerdócio Aarônico?	21
James E. Talmage	
Perguntas e Respostas.	22
A Vila Em Que Nada Acontecia.	23
Vamos Brincar?	26
MIRIAM CUIDA DO PEQUENO MOISÉS.	28
Mary L. Lusk	
O HOMEM DA LUA.	30
G. N. Lansdown	
Monumentos de Povos Desaparecidos.	31
Paul Cheesman	
Guardiães do Convênio	34
Mary P. Parrish	
Fortalecendo A Ordem Patriarcal...	38
Brent A. Barlow	
GEORGE ALBERT SMITH...	43
Arthur R. Bassett	
A NOVA AMM.	48

CAPA

A capa deste mês retrata a organização d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias pelo Profeta Joseph Smith, ocorrida em Fayette, Nova York, a 6 de abril de 1830. O quadro original, obra do pintor John Falter, acha-se exposto no centro de visitantes da Igreja em Independence, Missouri.

Publicação Mensal d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A PRIMEIRA PRESIDENCIA

Harold B. Lee

N. Eldon Tanner

Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Spencer W. Kimball

Ezra Taft Benson

Mark E. Petersen

Delbert L. Stapley

LeGrand Richards

Hugh B. Brown

Howard W. Hunter

Gordon B. Hinckley

Thomas S. Monson

Boyd K. Packer

Marvin J. Ashton

Bruce R. McConkie

CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO

R. São Tomé, 520 - V. Olímpia

CP 19079, São Paulo, SP - Tel. 80-9675 - 282-5948

EDITOR

Osirls Grobel Cabral

REDATOR

Wilson Roberto Gomes

ESTACA SÃO PAULO

R. Brig. Faria Lima, 1980, São Paulo, SP

ESTACA SÃO PAULO LESTE

R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

CORRESPONDENTE

Dante T. J. Pantiga

ESTACA SÃO PAULO SUL

R. Catequese, 432, Santo André, SP

CORRESPONDENTE

Alfio Benassi

ESTACA DE CURITIBA

R. Gottlieb Muller, 96, Curitiba, PR

MISSÃO BRASIL CENTRAL NORTE

R. Henrique Monteiro, 215

CP 20.809, São Paulo, SP - Tel. 80-4638

CORRESPONDENTE

Lyman Daryn

MISSÃO BRASIL CENTRAL SUL

R. Ernesto Pelosini, 88 - S.B.C.; S.P.

CORRESPONDENTE

John S. Bickmore

MISSÃO BRASIL SUL

R. Princesa Isabel, 342

CP 1513, Porto Alegre, RS - Tel. 23-0748

CORRESPONDENTE

Mauro G. de Freitas

MISSÃO BRASIL NORTE

R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras

CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB - Tel. 225-1839

CORRESPONDENTE

Alfredo H. Lemos

CONSTRUÇÃO GERAL NO BRASIL

R. Itapeva, 378, São Paulo, SP - Tel. 288-4118

A **LIAHONA** — Edição brasileira do "The United Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B n.º 1, de Matrículas da Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4957 de 9-11-1930. "The United Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, sueco, taitiano, e tonganês. Composta pela Uniprinters Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editora Gráfica Lopea, R. Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The United Magazine". Colaborações espontâneas e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 15,00; para o exterior: simples: US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 1,50; exemplar atrasado: Cr\$ 1,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A

REVISTA

DESTE MÊS

Neste mês, damos ênfase especial ao Sacerdócio, tendo a satisfação de apresentar a palavra de diversos profetas modernos sobre assunto tão importante. Esperamos que todos os membros da Igreja — tanto homens como mulheres — compreendam a necessidade de se informarem o melhor possível sobre o Sacerdócio e seus poderes.

As mulheres devem ser instruídas a esse respeito, a fim de que possam apoiar e incentivar os maridos nos seus deveres sacerdotais.

As moças solteiras deveriam conhecer as qualidades de um portador digno do Sacerdócio, para assim saberem o que procurar num futuro marido. O estudo do Sacerdócio e o que significa apoiá-lo dentro do lar pode muito bem ser considerado uma parte vital do preparo para o casamento.

Todas as mulheres deveriam aprender o mais que podem acerca da função, poder e ordem do Sacerdócio, a fim de que estejam melhor capacitadas a apoiar e prestigiar seus líderes, colhendo, desta forma, maiores bênçãos.

É óbvio que todos os portadores e futuros portadores do Sacerdócio devem aprender o máximo possível sobre o assunto. Afirma o Presidente Lorenzo Snow: "É o Sacerdócio que vos dará caráter, reputação, sabedoria, poder e autoridade, e vos desenvolverá aqui, embaixo, entre os filhos dos homens; e no alto, exaltar-vos-á para a paz e felicidade, a tronos e domínios, mesmo por incontáveis eternidades."

Sinto-me levado, por algo que foi dito, a repetir uma experiência. Entre os ouvintes de hoje à noite, haverá certo número, e especialmente um, que certamente se lembrará, com nitidez desse fato ocorrido anos atrás, no Oriente. Gostaria que prestassem particular atenção ao ponto de como um erro na mocidade poderá frustrar a possibilidade de futuras oportunidades de servir no reino de Deus.

Estávamos realizando uma reunião de meio-dia com nossos combatentes. Um moço foi chamado como primeiro orador. Ele escolheu como tema as palavras do Mestre quando orava por seus discípulos: "Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal." (João 17:15) Depois, o rapaz fez um dos melhores discursos sobre castidade que já ouvi, e terminou dizendo: "Antes de perder minha virtude, eu preferiria morrer e ter meu corpo enviado para casa num caixão de pinho."

Houve um silêncio total naquela audiência de combatentes e então ele prestou seu testemunho. Quando estava para deixar o púlpito, cambaleou e caiu dobrado sobre o móvel. Nós o tiramos de lá e o atendemos até que recobrasse a consciência, e depois levamos-lo para junto de seus companheiros na audiência.

Enquanto era carregado para baixo, o presidente da missão comentou:

— Será que ele tem algum problema cardíaco?

Ao que respondi:

O PODER DO SACERDÓCIO

Presidente Harold B. Lee

Um conselho aos portadores do Sacerdócio sobre serviço, solidariedade, obediência e como resistir à tentação.



— Sabe, tive a impressão de que algo dentro dele se rebelava contra o que nos falou.

Quando chegou a minha vez de falar, disse ao rapaz:

— Você, meu rapaz, causou-nos a todos uma profunda im-

pressão, afirmando que preferiria morrer a perder a virtude. Mas lembre-se, o demônio também ouviu suas palavras, assim como nós a ouvimos, e se não me engano, fá-lo-á provar que prefere a morte à perda da

virtude. Você faria bem em estar precavido.

Ao final da reunião, o líder do grupo chamou-me de lado e contou:

— O senhor acertou bem no alvo, pois, perto da nossa base aérea, formou-se uma das cidades mais sórdidas e corruptas, repleta de prostitutas que tentam seduzir nossos rapazes, e estamos fazendo o possível para mantê-los longe das garas delas. Esse rapaz havia marcado um encontro com uma dessas meretrizes, mas nós descobrimos o fato e dissemos: “Olhe, não vamos deixar que vá a esse encontro. Pense em sua mãe; pense em sua garota; pense em suas irmãs. Pois nós vamos com você até lá e o ajudaremos a sair dessa honrosamente.”

Eles assim fizeram e mantiveram-no sob vigilância durante duas semanas. Designaram-no para fazer o trabalho de mestre familiar, isto é, visitar todos os rapazes inativos da base. E duas semanas mais tarde, deram-lhe a designação de falar sobre a castidade.

Passaram-se os anos. Estávamos com o Presidente McKay na dedicação do Templo de Los Angeles, e entre duas sessões, saí um pouco para tomar ar. Indo pelo lado oeste do edifício, reparei num moço na parte mais alta, que me pareceu conhecido e fui para perto dele.

Ao reconhecer-me, ele desceu correndo as escadas e abraçou-me, dizendo:

— Adivinhe! Fui chamado para trabalhar no Templo de Los Angeles!

Senti um nó na garganta, pois eu estivera lá naquela encruzilhada, quando ele quase dera o passo fatal que o faria perder o direito de trabalhar no templo.

Passados mais alguns anos, compareci a uma conferência na localidade onde ele vivia; e então vi um jovem casal aproximando-se pela passagem da capela, o rapaz carregando uma linda criança e tendo ao braço uma jovem encantadora que apresentou como sua esposa. Quando descobriram o rostinho do recém-nascido, pensei ver orgulho na face do moço, por saber, como pai, que nas veias do filho corria sangue puro e limpo. Eis a recompensa daqueles que passam pela prova.

Uma das coisas que precisamos ensinar a nossos jovens é como saber enfrentar uma tentação que surge num momento de descuido. Quando ensinamos nossos rapazes que estão de partida para o serviço militar, costumamos apresentar pessoas que podem falar por experiência própria e depois perguntam: “Se vocês encontrassem esta ou aquela tentação, o que fariam? Qual seria a sua atitude?” Segue-se aí um debate sobre como reagir. Isto é muito importante nesta nossa época de iniquidades!

A maior responsabilidade neste aspecto cabe ao pai do rapaz. Isto não quer dizer que o pai deva acordar uma bela manhã, chamar o filho para junto de si e, em quinze minutos, contar-lhe todos os fatos da vida. Não é disto que o rapaz

precisa. Ele necessita de um pai atento que lhe responda, quando quer fazer perguntas delicadas. Ele anseia por saber; sente curiosidade acerca das coisas.

Se o pai for franco e honesto, e contar-lhe os fatos na medida dos limites de sua inteligência enquanto vai crescendo, será sempre a pessoa a quem o filho recorrerá em busca de conselho nos anos posteriores. Esse pai será uma âncora para a alma do filho, enquanto tira do acervo de suas experiências as lições que o ajudarão a enfrentar a possibilidade de cair naquela armadilha fatal, num momento de descuido.

Gostaria de falar ainda sobre mais uma coisa. Ao estudarmos as diversas atividades como a reunião familiar e as concernentes ao casamento no templo, ensino familiar e outros assuntos, descobrimos que nunca conseguimos qualquer progresso com meras palavras e pressões, para que se realizem reuniões familiares ou se faça o ensino familiar. Comprovamos que o único meio de promover o ensino familiar, ou fazer funcionar as reuniões familiares ou incrementar a freqüência à reunião sacramental ou aumentar os casamentos no templo ou trabalhos templários, é fazer com que o portador do Sacerdócio no lar o magnifique; e enquanto ele não reconhecer tal importância, a qual faz com que o poder do Deus Onipotente possa agir através dele, aquele lar não está seguro.

Concitemos todo pai a com-

preender que será responsabilizado pelo bem-estar eterno da sua família. Isto quer dizer vir com a família à Igreja; isto quer dizer acompanhá-la à reunião sacramental; isto quer dizer realizar reuniões familiares para manter a família intacta; isto quer dizer preparar-se para levá-los ao templo, a fim de que assim sejam preenchidos os requisitos para um lar eterno.

É uma responsabilidade imensa incutir nos portadores do Sacerdócio o dever de magnificá-lo, vivendo e fazendo como o Senhor ordenou.

Estou convencido de que na Igreja há muitos que estão cometendo suicídio espiritual, e clamando por ajuda, exatamente como os que estão para suicidar-se fisicamente. Consta que sempre há um grito de angústia que, se reconhecido em tempo, pode salvar uma vida.

Atualmente, há muitos entre nós que estão dando o aviso, o grito de desespero, por estarem em perigo de suicídio espiritual. E basta reconhecermos em tempo o brado de angústia, para nos tornarmos o meio de salvação de almas.

Temos que estender a mão da solidariedade aos homens de toda a parte, e aos que estejam realmente convertidos e desejam unir-se à Igreja, participando das muitas oportunidades valiosas de serem contados nela. Quanto àqueles que agora não podem ter o Sacerdócio, oramos que as bênçãos de Jesus Cristo lhes sejam dadas na plena medida que nos é possível dar. Enquanto isso,

pedimos aos membros da Igreja que procurem emular o exemplo de nosso Senhor e Mestre, Jesus Cristo, que nos deu o novo mandamento de amarmos uns aos outros. Gostaria de que sempre nos lembrássemos dele.

Para finalizar, apenas mais um pensamento. As palavras do Presidente Smith, no discurso desta noite, fizeram-me lembrar de mais uma coisa. Ouvi alguém dizer algo que aprendi ser um fato absoluto. Quando eu era um dos membros mais recentes do Conselho dos Doze, a primeira reorganização da qual me foi permitido participar aconteceu quando do falecimento do Presidente Grant. Ao encontrarmos-nos no templo para as longas deliberações de costume, antes que fosse efetuada a votação e se tomassem as decisões quanto à escolha do presidente da Igreja, fiquei pensando sobre certos rumores sobre quem seriam ou não seriam os conselheiros, como sempre acontece nessas reorganizações. Mas quando o presidente nomeou seus conselheiros e estes ocuparam o seu lugar na frente da sala, senti dentro de mim o testemunho de que aqueles eram os homens que o Senhor desejava para a presidência da Igreja. Aquela convicção me veio como se o fato fosse trombeteado em meus ouvidos.

Bem, gostaria de incutir-nos tal coisa. Alguém o exprimiu desta maneira e creio ser absoluta verdade: "Ninguém está realmente convertido até que veja o poder de Deus pousado

sobre a cabeça dos líderes desta Igreja e até que isto atinja seu coração como fogo." Enquanto os membros da Igreja não estiverem convencidos de que estão sendo guiados pelo caminho certo e não tiverem a certeza de que esses homens de Deus são inspirados e devidamente designados pela mão divina, eles não estarão realmente convertidos.

Assim, presto-vos meu testemunho de que eu sei, com toda a minha alma, exatamente como soube naquele momento, que aqueles que o Senhor escolhe são os de que ele necessita num determinado momento. Ouvi o Élder Orson F. Whitney, um membro dos Doze, falar deste mesmo púlpito, que não acreditava serem esses homens, necessariamente, os melhores indivíduos vivos na Igreja, que muitos outros podiam estar levando uma vida exatamente tão justa, ou talvez melhor ainda, mas que de uma coisa estava certo: Quando ocorre uma vaga e o Senhor necessita de alguém, ele procura e encontra a pessoa melhor qualificada para preencher o lugar naquele determinado momento.

Já vivi agora tempo bastante nestes trinta e um anos como membro das Autoridades Gerais, para saber que isto é verdade; e presto testemunho de que o Senhor está guiando esta Igreja, e podemos ver diária e constantemente nos seus conselhos a existência de orientação divina. Presto este humilde testemunho em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

O SACERDÓCIO

Uma Hoste Real

Presidente N. Eldon Tanner

Por que os portadores do Sacerdócio têm de vencer a tentação e ufanar-se dele.

Ao tentar visualizar o imenso corpo do Sacerdócio presente neste recinto e em outros edifícios pela Igreja afora, sou levado a apreciar mais plenamente o hino "As Hostes do Eterno". Somos o único povo no mundo inteiro que possui o Sacerdócio de Deus, o poder de falar e agir em seu nome. Que tremenda força e influência para o bem, se nos disciplinarmos, magnificando plenamente o nosso Sacerdócio! Que privilégio e responsabilidade!

Como pais, filhos e portadores do Sacerdócio devemos ser sempre humildes, nunca sentindo pejo, mas orgulho do Sacerdócio que temos. Somos diferentes, um povo peculiar, e devemos continuar diferentes na causa da verdade e da justiça. Jamais adotemos a atitude "sou mais santo que tu", porém sempre vivamos à altura dos padrões da Igreja, sem nunca vacilar.

Alguns parecem temer a perda de prestígio, ou cair no ridículo. Certamente não necessitamos tentar ser iguais ao mundo, procurando agradar ou seguindo os caminhos iníquos que há. É preciso estar no mundo sem ser do mundo. Minha experiência mostra-me, sem sombra de dúvida, que ninguém jamais precisa envergonhar-se do Sacerdócio de que é portador ou por viver de acordo com seus ensinamentos e magnificá-lo.

Ainda ontem, conversando com um homem de negócios muito bem sucedido, um membro devoto da Igreja e que magnifica o seu Sacerdócio, perguntei-lhe:

— Alguma vez em toda a sua vida, considerou-se prejudicado por ele?



Esta foi a resposta:

— Presidente Tanner, ele tem sido sempre uma vantagem.

Alguns parecem achar que, em vista da frouxidão de costumes e tendências do mundo atual, afetando o pensamento de parte da nossa juventude, e mesmo de alguns de nossos bispos e presidentes de estaca, estamos sendo todos demasiadamente rigorosos quanto aos princípios de conduta quando comentamos o que acontece ao nosso redor. Somos, de fato, acusados de puritanismo, o que para mim significa atitude de pessoas de mentalidade tacanha que se julgam superiores em virtude e sabedoria. Medidos pelos caminhos do mundo, provavelmente somos puritanos.

Vamos, pois, perder a fé, negar a revelação moderna, "atualizar" nossa maneira de viver, para sermos iguais ao resto do mundo? Ou continuaremos sendo um povo peculiar, magnificando o Sacerdócio e cumprindo nossos deveres?

Somos diferentes do mundo. Possuímos o Evangelho revelado e o

Sacerdócio. Temos que ser um exemplo onde quer que estejamos.

Ou, acaso seremos como falou Isaías: "Apesar de tudo, até muitos dos principais creram nele; mas não o confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da sinagoga.

"Porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus." (João 12:42-43)

Quero dizer a todos os jovens que nos ouvem esta noite (quisera poder falar a cada rapaz que possui o Sacerdócio, se fosse possível), que jamais nos envergonhemos do Evangelho de Jesus Cristo, e deveríamos ser sempre humildemente ufanos do Sacerdócio de que somos portadores.

Falando com um jovem que está para ser batizado no mês que vem, o único da família a batizar-se, perguntei-lhe:

— O que o levou a interessar-se pela Igreja?

Ao que replicou:

— O rapaz com quem eu me dava na escola era membro da sua Igreja, e o seu modo de vida me interessou. Era diferente do resto dos rapazes. Ele era feliz e convidou-me para ir à casa dele, e quando observei o amor reinante naquele lar e como vivia aquela família, fiquei ainda mais interessado. Levou-me à Igreja, depois passei a jogar no seu time, e naquela igreja encontrei um sentimento diferente que não vira em nenhum outro lugar. Depois, aquele time, aqueles ótimos sujeitos, todos guardando a Palavra de Sabedoria e levando uma vida limpa, pura, causaram-me profunda impressão e decidi filiar-me à Igreja.

Em seguida, prosseguiu:

— Vim com esse amigo para a Universidade Brigham Young por um semestre. Queria conhecer o povo daqui. Observei que a maioria destes jovens vive como deveria, mas se eu não tivesse decidido tornar-me um membro desta igreja antes de encontrar alguns dos outros, não sei que efeito isto teria tido sobre mim.

Penso, meus rapazes, onde quer que estejais, que deveis ter isto em mente: vossa conduta pode estar afastando pessoas da Igreja e estou certo de que isto não vos daria prazer.

Dias atrás, estive conversando com o pai de outro rapaz que estava de partida da nossa cidade para Nova York, a fim de trabalhar como advogado. O presidente da empresa, uma das grandes organizações do nosso país, conhecia um dos membros da Igreja no Leste, que exercia o cargo de vice-presidente de outra grande companhia; e o primeiro, por saber de suas qualificações, perguntou-lhe se não poderia, recomendar algum moço, dizendo:

— Procuramos alguém que viva como os jovens de vocês, alguém em que possamos confiar, sabendo com certeza que não é um beberrão e que executará sua tarefa.

Isto não pretende ser uma crítica a outros, mas é uma recomendação para os nossos jovens que vivem como deveriam. Será sempre uma vantagem na vida deles.

E o outro que era vice-presidente da companhia, respondeu:

— Conheço um moço assim na Cidade do Lago Salgado.

O jovem foi convidado a ir a Nova York com despesas pagas, onde foi entrevistado, conseguiu o emprego e ainda lhe ofereceram a passagem para a esposa vir também, a fim de procurar um local para se mudarem.

Não há como exagerar para os moços a importância de viverem como deveriam, para o seu próprio bem, para o seu próprio sucesso, para a sua própria felicidade e pela influência que exercerão sobre os rapazes com os quais convivem. Eles esperam que se portem e sejam o que professam ser; e, se não os desapontarem, outros jovens que não têm o Sacerdócio encontrarão a oportunidade para receber essa influência em suas vidas.

Outro dia, fiquei impressionado ao receber em meu escritório o presidente nacional da Câmara Júnior de Comércio da América, com sua esposa e mais dois casais, trazidos por um representante local desse organismo, que é também membro da Igreja, para uma visita de cortesia. Depois de conversarmos sobre as coisas do mundo e a responsabilidade daquele moço, presidente da Câmara Júnior, observei:

— Gostaria, talvez, de saber mais um pouco sobre a Igreja?

— Sim, gostaria.

Então voltei-me para o jovem que os acompanhava e disse:

— Quer contar-lhes algo sobre o assunto?

— Bem, Presidente Tanner, achei que o Senhor o faria.

— Não, — respondi, — é você quem vai explicar-lhes.

Ele então, fitando o outro moço diretamente nos olhos, falou:

— Vou contar-lhes um pouquinho sobre o Livro de Mórmon no qual acreditamos e que sabemos ser a palavra de Deus.

Explicou o que era, como fora obtido pelo Profeta, como fora traduzido e, em seguida, acrescentou:

— Quero dizer-lhes que eu sei que isto é verdade, e presto testemunho a vocês aqui presentes que esse livro é verdadeiro, que é a palavra

de Deus, e gostaria de apontar-lhes a promessa nele existente — (a promessa que todos vós sabeis qual é).

Depois, indagou:

— Gostariam de ter um exemplar desse livro? — ao que o presidente da Câmara Júnior respondeu:

— Certamente que sim, estou de veras interessado.

O moço que deu esse testemunho chama-se Richard Moyle.

Rapazes, onde quer que estejamos, com quem quer que estejamos, lembremo-nos sempre de que somos filhos de Deus, portadores do Sacerdócio de Deus, e que temos a responsabilidade de viver de acordo com os seus preceitos.

Gostaria de prestar-vos o meu testemunho hoje à noite, de que eu sei que o Evangelho é verdadeiro. Tenho certeza de que ele é verdadeiro, exatamente como sei que o mundo existe. Sei que Deus vive, que Jesus é o Cristo, o Filho dele, e que eles apareceram a Joseph Smith; que o Evangelho foi restaurado e a Igreja restabelecida aqui na terra. A vós, rapazes, que sentís não possuir um Testemunho do Evangelho, gostaria de dizer: Aceitai os testemunhos convincentes que ouvistes hoje à noite e que ouvís de nossos líderes, enquanto procurais ganhar por meio da oração, do estudo e do cumprimento dos mandamentos, um testemunho próprio, a maior de todas as bênçãos que podeis usufruir.

“... a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.” (João 17:3)

Que possamos honrar nosso Sacerdócio e gozar as bênçãos que nos proporciona, e contribuir com a nossa parte, para que o homem alcance a imortalidade e a vida eterna, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

O CONVÊNIO DO SACERDÓCIO

Marion G. Romney

Um desafio aos membros do Sacerdócio, para que magnifiquem os seus chamados.

Irmãos, este é um grande momento. Dezenas de milhares de portadores do santo Sacerdócio estão reunidos a fim de ouvirem as instruções da presidência da Igreja.

Fiquei profundamente impressionado com as palavras do Presidente. Estou contente por ter ele falado sobre o assunto. Escutando-o, meus pensamentos remontaram a uma experiência de um quarto de século atrás, com o Presidente Heber J. Grant. Estávamos discutindo certas críticas dirigidas a um ato seu, tomado na sua qualidade de presidente. Contornando-me os ombros com o braço e a mão pousada no meu ombro esquerdo, ele disse:

— Meu rapaz, mantenha sempre seus olhos no presidente da Igreja, e se ele o mandar fazer uma coisa errada e você obedecer-lhe, o Senhor o abençoará por isso.

Depois, acrescentou:

— Mas não precisa ficar preocupado; o Senhor jamais permitirá que um porta-voz dele desencaminhe seu povo.

Não olvidei aquele seu conselho. Desde aí, creio ter sido fiel a ele.

Nós, os irmãos presentes nesta



reunião, somos portadores do Sacerdócio. Somos um povo do convênio. O Senhor, fazendo um convênio com Abraão, prometeu-lhe uma grande posteridade, dizendo:

“... em tua semente... serão abençoadas todas as famílias da terra, mesmo com as bênçãos do Evangelho, que são as bênçãos da salvação, até mesmo da vida eterna.” (Abraão 2:11)

Desde os dias de Abraão, seus descendentes têm sido conhecidos pelos que entendem o Evangelho, como os filhos do convênio. Um dos que celebramos com o Senhor é o que “pertence ao Sacerdócio”. A se-

ção 84 de Doutrina e Convênios trata do Sacerdócio e diz que “os filhos de Moisés e também os filhos de Aarão (isto é, os portadores do Aarônico) oferecerão uma oferta e sacrifício aceitáveis na casa do Senhor... nesta geração...”

“E os filhos de Moisés e de Aarão encher-se-ão com a glória do Senhor, no Monte de Sião na casa do Senhor, cujos filhos sois vós...”

“Pois aqueles que forem fiéis até a obtenção destes dois Sacerdócios dos quais falei (o Aarônico e o de Melquisedeque), e magnificam os seus chamados, são santificados pelo Espírito para a renovação de seus corpos.” (DEC 84:31-33)

Creio que isto é verdade. Penso que os homens e rapazes que magnificam seus chamados sofrem uma transformação em seus corpos. Hoje de manhã, quando o Presidente Lee falava na reunião do bem-estar, contou daquele estranho que, vendo o Presidente McKay, indagou:

— O senhor é um profeta de Deus?

A resposta do Presidente McKay:

— Olhe para mim e veja a resposta no meu rosto.

Ouvi certa vez uma história sobre

o Presidente Joseph F. Smith, quando comparecera a uma cerimônia no Arizona em companhia do governador e outras figuras de destaque. Alguns deles pediram para tirar uma fotografia junto ao presidente da Igreja. Joseph F. Smith gentilmente anuiu, postando-se ao lado deles, enquanto as tais fotografias eram tiradas. Quando o grupo se desfez, ouviu-se o governador comentar:

— Sabem, enquanto estive de pé junto daquele homem, senti-me como um ladrão.

Ele pudera sentir o poder naquele homem excepcional que estava magnificando o seu chamado no Sacerdócio.

“... aqueles que forem fiéis até a obtenção destes dois Sacerdócios dos quais falei, e magnificam os seus chamados, são santificados pelo Espírito para a renovação de seus corpos.

“Eles se tornam os filhos de Moisés e de Aarão e a semente de Abraão, e a igreja e o reino, e os eleitos de Deus.” (DEC 84:33-34)

O Profeta Joseph Smith costumava recomendar repetida e insistentemente aos irmãos que assegurassem o seu chamado e eleição. Se quisermos que isto aconteça, teremos que magnificar nossos chamados no Sacerdócio. A revelação prossegue:

“E também todos os que recebem este Sacerdócio, a mim me recebem,

diz o Senhor.” (Vers. 35)

Acredito que isto se refira aos que recebem os ofícios do Sacerdócio designados a representar o Senhor.

“E também todos os que recebem este Sacerdócio, a mim me recebem, diz o Senhor;”

“Pois aquele que recebe os meus servos, a mim me recebe;”

“E aquele que me recebe a mim, recebe o meu Pai;”

“E aquele que recebe o meu Pai, recebe o reino de meu Pai; Portanto, tudo o que meu Pai possui ser-lhe-á dado.”

“E isto é de acordo com o juramento e convênio que pertence ao Sacerdócio.” (DEC 84:35-39)

Em suas preces e conselhos, o Presidente Smith freqüentemente diz esperar que sejamos leais e fiéis a todo o convênio e responsabilidade que nos cabe, e ora por isso. De que as obrigações do “juramento e convênio que pertence ao Sacerdócio” são requeridas de cada um de nós não resta dúvida, pois o Senhor diz que “todos os que recebem o Sacerdócio, recebem este juramento e convênio do meu Pai, que não podem quebrar, nem podem ser removidos.” (DEC 84:40)

Assim pois, entramos em convênio com o Senhor, no qual nos prometemos vida eterna, se cumprirmos a nossa parte, isto é, magnificarmos nossos chamados no Sacerdócio.

Diz a revelação que o Senhor não pode quebrar sua parte do juramento e convênio. Mas nós podemos pôr termo à nossa, e muitos portadores do Sacerdócio o fazem. A respeito destes, fala a revelação:

“Mas aquele que quebra este convênio depois de o ter recebido, e inteiramente se desvia dele, não receberá remissão dos pecados nem neste mundo nem no mundo vindouro.” (Vers. 41)

Bem, não creio que isto signifique que todos os que deixam de magnificar seus chamados no Sacerdócio terão cometido pecado imperdoável. Acho, sim, que os portadores do Sacerdócio que entraram nos convênios que nós fizemos — entrar nas águas do batismo, em conexão com a lei do dízimo, a Palavra de Sabedoria e muitos convênios mais — e depois se recusam a cumpri-los, encontram-se em perigo de perder a vida eterna.

Eu tenho um testemunho da veracidade do que o Presidente Smith falou hoje à noite sobre a liderança desta igreja e do seu papel de representante do Salvador do mundo aqui na terra. Sei que há poder no Sacerdócio e que podemos sorver dos céus a força para executar nosso trabalho, se o fizermos empenhando toda a nossa capacidade.

Deus nos ajude a entender isto, e a grande honra que nos concedeu, dando-nos o Sacerdócio, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

SACERDÓCIO

Sua Força e Vitalidade

Presidente A. Theodore Tuttle

Usado apropriadamente, o poder do Sacerdócio é a maior força na terra hoje em dia.

Um dos principais e constantes temas desta conferência, incluindo o seminário dos representantes regionais dos Doze, mencionado direta ou indiretamente por quase todos os oradores, tem sido a importância e a necessidade do Sacerdócio. E é a este mesmo assunto que vou dedicar minhas palavras. A vitalidade e força do Sacerdócio na terra hoje em dia são superiores às de qualquer outro período da história humana.

Reunido com o Conselho dos Doze, a 28 de março de 1835, em Kirtland, Ohio, o Profeta Joseph Smith recebeu uma revelação singularmente importante a respeito do Sacerdócio:

"Na Igreja, há dois Sacerdócios, a saber, o de Melquisedeque e o de Aarão...

"A razão pela qual o primeiro se chama Sacerdócio de Melquisedeque é porque Melquisedeque foi um grande sumo-sacerdote.

"Chamava-se, antes do seu tempo, o **Santo Sacerdócio, segundo a Ordem do Filho do Homem.**

Todas as outras autoridades ou ofícios da Igreja são apêndices deste Sacerdócio." (DEC 107:1-3,5)

É essencial que entendamos o que acaba de ser citado. Disse o Presidente Joseph F. Smith:



"Não há ofício dentro do Sacerdócio que seja ou possa ser maior do que o próprio Sacerdócio. É dele que os ofícios derivam sua autoridade e poder. Nenhum dá autoridade ao Sacerdócio, nem lhe aumenta o poder. Todos os cargos na Igreja derivam seu poder, virtude e autoridade do Sacerdócio. Se nossos irmãos compreendessem esse princípio, e o tivessem firmemente estabelecido em sua mente, haveria menos equívocos quanto às funções da autoridade da Igreja." (**A Doutrina do Evangelho**, Vol I, p, 111)

Na Igreja, existem três quoruns presidentes, escolhidos entre os portadores do Sacerdócio:

"Dentre os que são ordenados aos diversos ofícios destes dois Sacer-

dócios, necessariamente procedem... os presidentes ou oficiais que presidem.

"Do Sacerdócio de Melquisedeque, três sumos-sacerdotes presidentes, escolhidos pelo grupo, e designados e ordenados a esse ofício, e apoiados pela confiança, fé e orações da Igreja, formam o quorum da presidência da Igreja.

"Os doze conselheiros viajantes são chamados para ser os Doze Apóstolos, ou testemunhas especiais do nome de Cristo no mundo todo — ..."

"E eles formam um quorum igual em autoridade e poder aos três presidentes previamente mencionados.

"Sob a direção dos Doze..., os setentas agirão em nome do Senhor, para a edificação da Igreja e para a regularização dos seus negócios em todas as nações..." (DEC 107-21-24, 34)

O que é o Sacerdócio? Eis o que disse a respeito o Presidente John Taylor:

"... é a autoridade de Deus, seja na terra como nos céus, pois é por esse poder, meio ou princípio que são governadas todas as coisas na terra e nos céus, o poder que tudo preserva e sustém. Ele governa todas as coisas — dirige todas as coisas

— sustém todas as coisas — e tem a ver com todas as coisas associadas a Deus e à verdade. É o poder de Deus delegado às inteligências nos céus e aos homens na terra...” (The Gospel Kingdom /Bookcraft, 1943/, p. 129)

A fim de alcançar a exaltação, o homem precisa obter e depois magnificar o santo Sacerdócio.

“Pois aqueles que forem fiéis até a obtenção destes dois Sacerdócios dos quais falei, e magnificam os seus chamados, são santificados pelo Espírito para a renovação de seus corpos.

“Eles se tornam... os eleitos de Deus.”

“E, ... portanto, tudo que meu Pai possui, ser-lhe-á dado.”

“E isto é de acordo com o juramento e convênio que pertence ao Sacerdócio.” (DEC 84:33-34,38-39)

Porém, devemos lembrar de que isto é condicionado a que magnifiquemos o Sacerdócio obtido. Hoje em dia, despende-se muita energia e é dada grande ênfase a papel e administração deste Sacerdócio na Igreja.

“Portanto, que todo homem permaneça no seu próprio ofício, e trabalhe no seu próprio chamado... para que o sistema se conserve perfeito.” (DEC 84:109-11)

Dentro de seus encargos, os sumos-sacerdotes na Igreja de hoje têm a suprema responsabilidade sacerdotal de fazer pesquisa genealógica e realizar as ordenanças no templo. Eles devem cuidar, através

do Sacerdócio, que toda pessoa na Igreja, no seu devido tempo e ordem, salve os entes queridos que já foram. Isto significa que todos os membros deverão —

1. Ter seu próprio livro de recordações.
2. Completar pesquisa de, no mínimo, quatro gerações.
3. Viver de modo que mereçam uma recomendação para o templo.
4. Realizar ordenanças pelos mortos no templo.

Os setentas devem permanecer em seu próprio ofício e trabalhar em seu próprio chamado, que é o trabalho missionário do Sacerdócio. Como missionários, os setentas são especialistas didáticos. Como membros, cabe-nos principalmente achar e integrar as pessoas. Juntos, formamos uma equipe produtiva para levar a mensagem da restauração do Evangelho a todos os filhos do nosso Pai.

Em seu ofício e chamado, os élderes têm sua função na obra do bem-estar. Todavia, compartilham ainda a grande responsabilidade do aperfeiçoamento dos santos por intermédio do ensino familiar do Sacerdócio. Ao presidente do quorum dos élderes cabe o chamado especial de ministrar o Evangelho a mais gente dentro da ala do que outra pessoa qualquer, exceto o bispo. Os mestres familiares do Sacerdócio devem —

“... visitar a casa de cada membro, exortando-o a orar em voz alta e em segredo e a cumprir todas as obrigações da família.”

“...zelar sempre pela Igreja, estar com os membros e fortalecê-los;”

“... ver que não haja iniquidade na Igreja, nem dificuldade entre um e outro, nem mentiras, maledicências ou calúnias;”

“E ver que a Igreja se reúna amiúde, e ver também que todos os membros cumpram as suas obrigações.” (DEC 20:37,53-55)

Cada um desses deveres específicos é destinado pelo Senhor a fortalecer o lar. Sem dúvida, notareis que a palavra **ensinar** é mencionada apenas indiretamente nesta instrução das escrituras. Se nós, como mestres familiares, conseguíssemos captar a visão inteira desse nosso dever, talvez o ensino pudesse ser feito eventualmente por aqueles que o Senhor designou para instruir a família.

Embora o ensino familiar do Sacerdócio ainda não tenha alcançado a posição que merece, poderemos chegar a entender que é um dos mais sublimes conceitos de serviço na Igreja. Uma coisa é certa — é um trabalho que salva.

O Sacerdócio na Igreja é um formidável baluarte contra o avanço do mal. Não há força na terra que consiga resistir às investidas do adversário, exceto uma corporação de homens de bem que honram o seu Sacerdócio dentro do lar.

Os rapazes do Sacerdócio Aarônico não foram esquecidos. O Senhor, em sua sabedoria, achou conveniente que vós, jovens, fôsseis chamados bem cedo na vida para servir em seu

reino. As vezes, por falta de melhor entendimento do programa da Igreja, podeis achar que ela esteja negligenciando questões vitais.

Nesta igreja, existe um chamado para a juventude e há muito o que fazer, se apenas vos dispuserdes a seguir os conselhos de vossos líderes. Não é pretendido que "tomeis o freio nos dentes", saindo em disparada. Diz bem o sábio ditado: "A mão que segura as rédeas não é a força que move a carga." O vigor e energia da juventude unidos à sabedoria da idade madura formam um excelente par. É esta a maneira designada pelo Senhor para o funcionamento conjunto do Sacerdócio Aarônico e de Melquisedeque.

Por que vos exortamos a levar uma vida pura? Para que sejais servos dignos de dar sua contribuição ao reino de Deus.

Há sessenta e sete anos, dizia o Presidente Joseph F. Smith:

"Esperamos ver o dia, se vivermos o bastante para isso (e se alguns de nós não chegarmos até lá, outros o farão), em que todo conselho do Sacerdócio na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias entenda seu dever; assuma sua própria responsabilidade, magnifique o seu chamado, e preencha o seu lugar na Igreja, de acordo com sua inteligência e capacidade. Quando esse dia chegar, não haverá mais necessidade de tanto trabalho atualmente feito pelas organizações auxiliares, pois será executado pelos quoruns regulares do Sacerdócio. O Senhor o

designou e compreendeu desde o princípio, fornecendo meios à Igreja pelos quais toda e qualquer necessidade pudesse ser enfrentada e satisfeita através das organizações regulares do Sacerdócio." (**Conference Report**, Abril de 1906, p. 3)

Estamos apenas começando a ver o raiar do dia, em que os homens mais fortes em cada ofício do Sacerdócio devem ser chamados para a sua liderança.

Fazemos um apelo a vós, que atualmente sois élderes em perspectiva, que vos eleveis o quanto puderdes. Tornai-vos o líder espiritual em vosso lar. Tomai sobre vós o manto dessa responsabilidade. Executai o serviço que vos há de salvar e exaltar, juntamente com vossos entes queridos, no reino de Deus. Este não é um chamado comum para servir, tampouco um apelo frenético. É uma advertência solene para que coloquais em ordem vossa vida pessoal; reguleis os negócios da vossa família; estendais a mão para prover vossos semelhantes e abençoar a vida do próximo através dessa força divina.

Esta igreja, com sua liderança inspirada, já está combatendo o adversário. A batalha não se dará em futuro distante. Ela está sendo travada agora! Se não vemos isto com clareza, é porque não entendemos os sinais transmitidos atualmente pelos irmãos presidentes.

Depois de ouvir esta conferência por três dias, sua mensagem está clara. É despertar, assumir as res-

ponsabilidades do Sacerdócio e executar o trabalho do Senhor. Esta não tem sido uma conferência comum, nem tampouco a "melhor conferência que já houve". Escutamos um claro chamado para nos arrependermos e começarmos agora a magnificar este grande poder que é outorgado nesta igreja.

Ó, irmãos, imploro-vos que desperteis. Lançai de vós as peias da indolência e da moleza, e lançai-vos à luta.

Nas palavras incentivadoras do Profeta Joseph Smith: "Irmãos, não prosseguiremos em tão grande causa? Ide avante e não para trás. Coragem, irmãos; e avante, avante para a vitória!..." (DEC 128:22)

Quero testificar-vos que Jesus é o Cristo. Testifico que ele é o supremo Sumo-sacerdote para sempre. Testifico que Deus, o Pai, e seu Filho Jesus Cristo apareceram de fato ao Profeta Joseph Smith e reinstituíram em nossos dias a Igreja de Jesus Cristo, outorgando-lhe o poder divino.

Testifico-vos que estes homens possuem as chaves do santo Sacerdócio, que há poder e inspiração no que dizem. Não existe outro grupo igual a este no mundo inteiro. Eles não chegaram à sua posição através de um partido político, nem ganharam um concurso de popularidade. Foram chamados pela profecia e pela imposição das mãos. As coisas irão bem para nós e os nossos na medida em que escutarmos e seguirmos os seus inspirados conselhos. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

RESPONSABILIDADE DO SACERDÓCIO

Por Wilford Woodruff (1807-1898),
4.º presidente d' A Igreja de Jesus
Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Vejo a nossa condição ou lugar, na qualidade de povo, como um chamado para determinada obra. Quando mandamos alguém fazer missão, ou executar qualquer espécie de assunto ou trabalho, naturalmente contamos que cumpra as ordens recebidas. O Senhor espera o mesmo. Assim também vejo os élderes de Israel aqui presente hoje à noite, nesta Igreja e reino, como em missão.

Fomos ordenados a uma missão e temos um tempo determinado para fazê-la e cumpri-la. Não que eu saiba exatamente quantos dias ou anos teremos para executar nossa tarefa. Mas essa obra nos é confiada. Não faz a mínima diferença a que posição somos chamados ou ordenados.

E quando somos encarregados de uma missão, não devemos ignorá-la ou postergar seu cumprimento. Para todo trabalho, é mantido um registro, executamo-lo ou não. Existe uma quantidade de revelações mostrando-nos que é assim. A vossa história vos precede. Encontrá-la-eis ao transpor o véu. Todo homem possui a sua história anotada — seus atos e

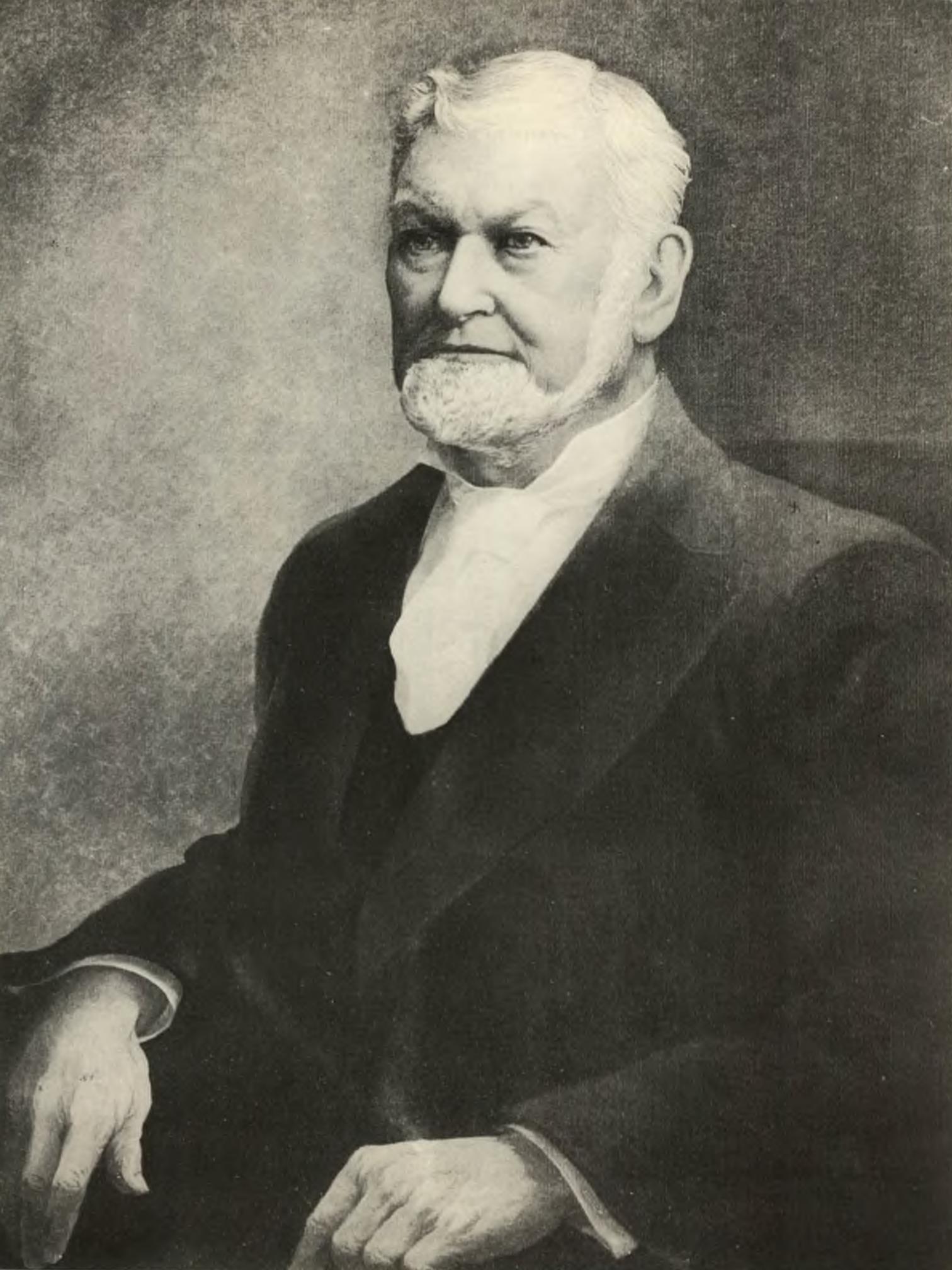
conduta — não importa que tenha ou não um registro aqui. É o que está claramente manifesto na revelação conhecida como a "Folha de Oliveira." (DEC 88) Experimentamos um encargo colocado sobre os nossos ombros, todos nós, assim como o mantiveram Joseph Smith, Brigham Young, e os Doze Apóstolos o têm; e, se não o cumprirmos, seremos condenados. Isto havemos de descobrir, quando chegarmos ao outro lado do véu. É por essa negligência do dever que tantos têm abandonado a Igreja e o reino de Deus.

Muitas vezes, durante minhas reflexões, tenho desejado ser capaz de compreender plenamente meus deveres para com Deus, e a responsabilidade de todo o homem portador do Sacerdócio desta época. Mas digo-vos, irmãos, penso que os nossos corações estão demasiadamente fixos nas coisas deste mundo. Como portadores do Sacerdócio desta geração, não apreciamos devidamente a enorme responsabilidade que temos para com Deus e os céus, bem como para com a terra. Acho que estamos muito distanciados do Se-

nhor, e não vivemos a nossa religião como deveríamos. Penso que os nossos corações não estão engajados em edificar o seu reino, como deveria um Santo dos Últimos Dias.

Não julgueis, porém, que sou vosso inimigo por dizer estas coisas. Sinto que temos um trabalho importante a cumprir, e outros continuarão a obra, quando o nosso prazo se esgotar. Olho em torno e vejo as marcas deixadas pelo tempo. Olho em torno e vejo que oito dos Doze Apóstolos se foram para o mundo dos espíritos desde que chegamos a este vale; espero ir também para lá, espero a ida dos irmãos; todos nós partiremos antes que se passem muitos anos. Não desejo outra coisa; e quero dizer-vos que, durante os últimos dois anos, venho sentindo que nada mais tenho que fazer nesta terra, a não ser procurar a edificação deste reino. Sinto que não estaria justificado, se me fixasse nas coisas deste mundo, em detrimento de qualquer dever que Deus me confie.

Quando olho para os desta época, quando penso nas mais de um bilhão e duzentos milhões de pessoas



A residência dos Woodruff na Rua Durphy, em Nauvoo.

que habitam na carne, muitas delas amadurecendo para o julgamento divino, uma geração pronta para receber sobre suas cabeças a ira de Deus — quando reflito nessas coisas, sei que, se eu não prestar o meu testemunho diante delas, se eu negligenciar em transmitir meu testemunho a esta geração sempre que houver oportunidade, hei de arrepende-me disso, quando chegar ao mundo espiritual.

É assim que me sinto quanto a este trabalho. Deus requer que testifiquemos dele a esta geração; e quando penso na magnitude desta época, na sua grandeza, quando considero que esta é a geração e dispensação escolhida por Deus para estabelecer um reino, o grande e derradeiro reino, o único que o Senhor jamais estabeleceu em qualquer época do mundo para perdurar na terra durante o milênio, quando penso nessas coisas, consigo perceber a grandeza desta obra.

O mundo sempre combateu e destruiu os profetas, com exceção de Enoque, que foi elevado aos céus com a sua cidade. Pois bem, se conseguíssemos compreender realmente que temos o reino de Deus sobre a terra hoje em dia, com a promessa de Deus Pai de que perdurará até a vinda do Filho do Homem — se conseguirmos compreendê-lo e reconhecer a nossa responsabilidade, parece-me que todos nós teríamos o desejo de magnificar nossos cha-





mados.

Com uma geração como esta, com as nações da terra como hoje são, tendo a possibilidade de edificar o reino de Deus para permanecer, tendo o poder de construir templos ao Deus Altíssimo contra o furor de um bilhão de pessoas — com esse poder e o apoio do Senhor, certamente deveríamos estar dispostos a cumprir a nossa parte do trabalho. Temos prestado testemunho — eu tenho, meus irmãos têm, e também os élderes de Israel — a esta geração por muitos anos. Temos testificado do Evangelho de Jesus Cristo, do Livro de Mórmon e dos profetas de Deus, que têm sido levantados neste nosso tempo, e esses testemunhos se alçarão em julgamento contra os desta época, condenando aqueles que os rejeitaram.

Este reino está em nossas mãos. O Deus dos céus está conosco. Ele tem-nos sustentado. Afasta o furor dos homens. Ata as mãos de nossos inimigos e destroça qualquer arma assacada contra Sião. Ele estabeleceu o seu povo nestes vales das montanhas.

Gostaria de dizer aos bispos e a todos os homens em posição de autoridade: devemos estar interessados em levar avante esta obra. Devemo-nos esforçar para obter o Espírito de Deus. É nosso direito, nosso privilégio e nosso encargo ir ao Senhor, para que se ilumine a visão de nossa mente, a fim de que consi-

gamos ver e entender os dias e a época em que vivemos. Tendes o privilégio, e eu também, de conhecer os intentos e a vontade do Senhor referentes aos nossos deveres, e se isso ignorarmos, estaremos negligenciando a magnificência de nosso chamado.

Não deveríamos considerar penoso seja o que for que somos chamados a executar. Devemos fazer tudo com boa vontade e disposição. Lembro-me do tempo das nossas primeiras missões. O Irmão Taylor, o Irmão Brigham, eu próprio e outros, tínhamos que seguir caminho doentes, com febre, calafrios e cercados pelo poder da morte; precisávamos deixar mulher e filhos sem mantimentos, sem roupas, e partir sem bolsa nem alforje para pregar o Evangelho. Deus o ordenava, e se não tivéssemos obedecido, não estaríamos aqui hoje. Mas, como fizemos o que nos mandava, Deus nos abençoou. Ele tem sustentado os élderes fiéis desta Igreja e reino, e continuará a fazê-lo até que tudo termine.

Desejo exprimir o que sinto quanto a este assunto. Refleti sobre a nossa posição. Reconheço que temos um testemunho a prestar e que seremos responsabilizados pela maneira que desempenhamos nossos deveres. Teremos que prestar contas diante do Deus Altíssimo como apóstolos, setentas, élderes, sacerdotes e assim por diante. Se cumprir-



Esta fotografia tirada por volta de 1896 mostra quatro gerações de Wilford Woodruff.

mos nosso dever, nossas vestes estarão limpas.

Somos os vigias sobre as muralhas de Sião. Nosso é o dever de advertir os habitantes da terra sobre

as coisas vindoura, e se eles rejeitarem nosso testemunho, então seu sangue cairá sobre sua própria cabeça e não sobre a nossa. Quando os julgamentos de Deus atingirem

os iníquos, faltarão à verdade se alegarem que não foram avisados.

Minhas vestes, e as de milhares de outros estarão limpas do povo desta época, como estão também as vestes de Joseph Smith, Brigham Young e dos élderes de Israel que morreram fiéis à fé. Temos prestado nossos testemunhos, e quando sobrevierem os julgamentos de Deus, os homens mentirão, se disserem que não foram advertidos. Considero nosso papel diante do mundo contemporâneo de suma importância para nós e para ele. Quando eu for ao lugar dos espíritos, não quero que esta geração se levante e me condene, dizendo que não cumpri o meu dever.

Jamais houve uma geração igual a esta. Jamais houve um povo como este. Jamais houve uma obra como a atual, desde que Deus criou o mundo. Existiram, sem dúvida, homens que pregaram o Evangelho; mas, na plenitude dos tempos, o Senhor estabeleceu o seu reino com as próprias mãos. Esta é a última dispensação. Ele tem levantado homens e mulheres para levar avante o seu trabalho, e como tenho dito freqüentemente, muitos de nós fomos retidos no mundo dos espíritos desde a organização deste mundo até a época em que vivemos.

Nossas vidas estiveram abrigadas com Cristo em Deus, e o demônio vem-nos ameaçando desde o dia em que nascemos até a presente hora. Porém, o Senhor tem-nos preservado. Deu-nos o Sacerdócio e o reino, e

as chaves a eles pertencentes. Podemos então desapontar nosso Pai Celestial? Iremos desiludir os antigos profetas e apóstolos que tão ansiosamente aguardavam este dia? Iremos desapontar Joseph Smith e os irmãos que já se foram e que lançaram os fundamentos deste obra, para que prosseguíssemos o trabalho?

Irmãos, pelo amor de Deus, não fixemos o nosso coração nos assuntos deste mundo, em prejuízo das coisas da vida eterna. Não façais os bispos sentirem que considerais sacrifício cumprir os conselhos daqueles que são chamados para dirigir todas estas coisas. Benditas as vossas almas, se vivésseis aqui por um milhar de anos, tanto tempo como o Pai Adão, vivendo e mourejando em pobreza a vida inteira, e, no fim de tudo, pudésseis assegurar, por vossos atos, na manhã da primeira ressurreição, um local com vossa mulher e filhos na presença de Deus; isto, por si só, seria paga suficiente para a labuta de mil anos. Poderia qualquer coisa que fazemos ou sofreremos ser comparada à multiplicidade de reinos, tronos e principados que Deus revelou?

Pois bem, temos o reino e precisamos conservá-lo. Apostatar não seria vantajoso nem para vós nem para mim. Mas bem sabeis que este perigo existe. O Irmão Joseph costumava dar-nos o seguinte conselho: "No momento em que vos permitis pôr de parte qualquer dever que Deus requer de vós, a fim de satis-

fazer vossos próprios desejos; no momento em que vos permitis tornar-vos descuidados, estais lançando o fundamento da apostasia. Sede cuidadosos; entendei que fostes chamados para um trabalho, e quando Deus requerer que o executeis, fazei-o." Outra coisa que ele dizia: "Em todas as vossas provações, tribulações e males, em todo o vosso sofrimento, mesmo até a morte, cuidai de não trair a Deus, cuidai de não trair o Secerdócio, cuidai de não cair em apostasia; porque, se o fizerdes, haveis de vos arrepender." Recebemos uma porção desses conselhos e jamais esqueci-me deles, desde aqueles dias até hoje.

De nada aproveita negligenciar um dever. Nunca, jamais, cometi um pecado nesta Igreja e reino que não me tivesse custado mil vezes mais do que valia. Não podemos pecar impunemente; não podemos negligenciar impunemente qualquer conselho; o sofrimento será inevitável; e o único meio seguro é assumirmos a responsabilidade e cumprir o nosso dever, conquistando, assim, o reino.

Espero ardentemente que não nos esqueçamos de Deus; espero ardentemente que não nos esqueçamos da posição que ocupamos diante dele; pois, quanto a mim, só penso dizer: Se já senti alguma alegria ou felicidade, encontrei-a dentro do "mormonismo". Se há algo em mim ou em torno de mim, foi-me dado dentro do "mormonismo". Se já recebi alguma bênção; se já tive o poder de testificar das coisas de Deus, se já fui

o instrumento para trazer alguém para a Igreja e para o reino de Deus, foi pelo poder de Deus, ou pelo que é chamado de "mormonismo", o Evangelho de Jesus Cristo.

Sei que estas coisas foram realizadas pelo poder de Deus. Foi pelo poder de Deus que recebemos tudo o que possuímos — bens, dons, nossa mulher e filhos. Quantos de vós tendes selados sobre a vossa cabeça reinos, poderes e principados no mundo vindouro? Quem poderá comparar essas bênçãos com ouro e prata e as coisas deste mundo? Ou, o que poderia comparar-se ao dom da vida eterna?

Rogo a Deus, nosso Pai Celestial, que vos abençoe, que abençoe a todos os portadores do santo Sacerdócio; que as bênçãos de Deus estejam sobre vós. Sinto que nós, como povo, temos que nos levantar, revestindo-nos com o poder de Deus. Tem que haver uma reforma, uma mudança, em nosso meio. Há muita maldade entre nós. O demônio conseguiu domínio demais sobre nós. Um bom número dos que levam o nome de Cristo e possuem o santo Sacerdócio estão-se tornando indiferentes nas coisas de Deus. Temos que acordar; temos que espezitar nossas lâmpadas e prepararmo-nos para a vinda do Filho do Homem. Que Deus vos abençoe. Que guie e dirija a todos nós. Que nos guarde na palma de sua mão. Que nos santifique e prepare para herdarmos a vida eterna, é a minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém.

Chaves Eternas e o Direito de Presidir

Joseph Fielding Smith

Vou falar-vos umas poucas palavras a respeito do Sacerdócio e das chaves que o Senhor nos conferiu nesta derradeira dispensação do Evangelho.

Somos portadores do santo Sacerdócio de Melquisedeque, que é o poder e autoridade de Deus delegados ao homem na terra para agir em todas as coisas; em prol da salvação do homem.

Temos também as chaves de Deus na terra, cujo reino é A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Essas chaves são o direito de presidência; o poder e a autoridade de governar e dirigir todos os negócios do Senhor aqui na terra. Aqueles que as possuem têm autoridade para governar e controlar a maneira pela qual todos os demais podem servir no Sacerdócio. Todos nós poderemos obtê-lo, porém é-nos permitido usá-lo somente conforme formos autorizados e dirigidos pelos que possuem as chaves.

Esse Sacerdócio e chaves foram conferidos a Joseph Smith e Oliver Cowdery por Pedro, Tiago e João, por Moisés e Elias e mais outros profetas antigos. Elas têm sido dadas a todo homem designado como membro do Conselho dos Doze. Mas, como se constitui o direito de presidência, podem ser exercidas plenamente apenas pelo apóstolo sênior aqui na terra, isto é, o presidente da Igreja.

Permiti-me repetir — muito simples e muito enfaticamente — que temos o santo Sacerdócio e que as chaves do reino de Deus estão aqui conosco. São encontradas tão somente na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Por revelação a Joseph Smith, o Senhor disse que essas chaves “pertencem sempre à Presidência do Sumo-sacerdócio” (DEC 81:2), e ainda: “Quem recebe a minha palavra, a mim me recebe, e quem me recebe, recebe àqueles, a Primeira Presidência, a quem enviei.” (DEC 112:20)

Sobre o mesmo assunto, disse o Profeta Joseph Smith: “Deveis familiarizar-vos com aqueles homens que, à semelhança de Daniel, oram três vezes por dia voltados para a Casa do Senhor. Atentai na Presidência e recebei instrução.”

Bem, irmãos, penso que uma coisa deve estar absolutamente clara em nossa mente. Nem o presidente da Igreja, tampouco a Primeira Presidência ou a voz conjunta desta com os Doze, hão de desencaminhar os santos ou transmitir ao mundo algum conselho contrário à intenção e vontade do Senhor.

Um indivíduo pode descair para a margem do caminho, ou ter opiniões próprias, ou dar conselhos que não estejam de acordo com a vontade do Senhor. Porém, a Primeira Presidência e a voz conjunta dos outros

que com ela retêm as chaves do reino, sempre hão de guiar os santos e o mundo para os caminhos pretendidos pelo Senhor.

O Senhor declarou com muita clareza a Joseph Smith “que a ninguém será permitido sair a pregar o meu Evangelho ou edificar a minha igreja, a não ser que tenha sido ordenado por alguém com autoridade, e que a igreja saiba que tem autoridade e que foi apropriadamente ordenado pelos líderes da Igreja.” (DEC 42:11)

E também: “As chaves do reino de Deus são entregues aos homens na terra, e como a pedra que, sendo cortada da montanha, sem mãos, rolará adiante até que encha toda a terra, assim também até aos confins da terra rolará de agora em diante o Evangelho.” (DEC 65:2)

Pois bem, irmãos, estas coisas são verdadeiras. O Senhor está com o seu povo. A voz da justiça há de prevalecer. Nossa causa é justa, e o Senhor nos guiará e dirigirá, fazendo-nos triunfar no fim.

Eu testifico que, se atentarmos para a Primeira Presidência e seguirmos seus conselhos e direção, nenhum poder da terra deterá ou mudará nosso curso como igreja, e, como indivíduos, ganharemos paz nesta vida e seremos herdeiros de glória eterna no mundo vindouro. E eu vos digo isto, meus caros irmãos, em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

O Que Dizer do Sacerdício Aarônico?

James E. Talmage

“A vós, meus conservos, em nome do Messias, eu confiro o Sacerdício de Aarão, que possui as chaves da ministração dos anjos, do Evangelho do arrependimento e do batismo por imersão para remissão dos pecados; e isto nunca mais será tirado da terra, até que os filhos de Levi ofereçam outra vez, em retidão, um sacrifício ao Senhor.”
— Doutrina e Convênios 13 —

(O irmão James E. Talmage era garoto na época em que foi ordenado na Inglaterra. Ele fora colocado como sentinela junto à porta, para avisar os membros da aproximação de eventuais inimigos, pois naquele local, a Igreja era muito perseguida. Imaginem, um diácono recém-ordenado com tamanha responsabilidade!)

“Fui chamado e ordenado numa manhã de domingo, sem qualquer aviso prévio; e na mesma tarde, puseram-me como sentinela à porta da casa na qual os santos se haviam reunido para o culto. Assim que foi ordenado, sobreveio-me um sentimento que jamais consegui realmente descrever. Parecia quase impossível que eu, um garoto, pudesse ser tão honrado por Deus a ponto de chamar-me para o Sacerdício. Eu lera a respeito dos filhos de Aarão e de Levi que foram escolhidos para os trabalhos sagrados, mas que eu devesse executar parte do serviço que lhes fora confiado, ultrapassava minha pobre capacidade mental. Sentia-me com medo e contente ao mesmo tempo. Depois, quando me puseram de guarda na porta, esqueci que era um mero garoto de onze anos; sentia-me forte no pensamento de que pertencia ao Senhor, e que ele me ajudaria em tudo o que de mim fosse exigido. Não pude resistir à convicção de que outras sentinelas, imensamente mais fortes do que eu, estavam postadas ao meu lado, em-

bora invisíveis aos olhos humanos.

“O efeito da minha ordenação ao ofício de diácono atingiu todos os negócios de minha vida de garoto. Temo ter às vezes me esquecido de quem eu era, mas sempre serei grato por haver-me lembrado a maior parte do tempo, e isto sempre me ajudava a ser melhor. Quando me divertia no pátio da escola e talvez fosse tentado a trapacear no jogo, quando em disputa com um colega, eu me lembrava, e o pensamento era tão eficiente como se dito em voz alta — **Eu sou um diácono**; e não é justo que um diácono aja assim. — Nos dias de prova, quando parecia fácil copiar a prova de outro colega ou ‘colar’ do livro, novamente recordava — **Eu sou um diácono**, e devo ser honesto e verdadeiro. — Quando via outros meninos enganando no jogo ou na escola, dizia mentalmente: Para mim seria muito mais prejudicial do que para eles, pois eu sou um diácono.

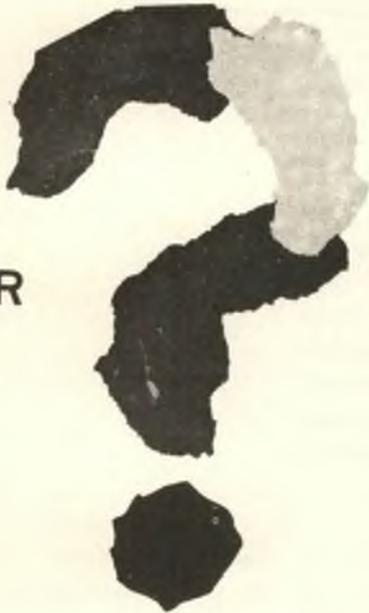
“Nada do que me era exigido como dever do meu ofício era maçante ou

cansativo; o senso da grande honra da minha ordenação tornava todo serviço agradável. Eu era o único diácono naquele ramo e tinha muitas oportunidades de trabalhar.

“A impressão causada em minha mente quando fui feito diácono jamais se desvaneceu. O sentimento de que fora chamado ao serviço do Senhor, como portador do Sacerdício, tem sido uma fonte de força em todos esses anos. Quando, mais tarde, fui ordenado a ofícios maiores na Igreja, toda vez sentia a mesma certeza — de que realmente estava sendo investido com poder dos céus, e que o Senhor exigia de mim que honrasse sua autoridade. Fui ordenado sucessivamente a mestre, élder, sumo-sacerdote e por fim um apóstolo do Senhor Jesus Cristo, e, a cada uma dessas ordenações, tive aquela sensação emocionante que conhecera pela primeira vez ao ser chamado para ser um diácono a serviço do Senhor.” (**Course of study for the quorums of the priesthood: Deacons**, 914, pp. 135-36. Grifo nosso)

As respostas destinam-se a proporcionar orientação e esclarecimento, não devendo ser encaradas como pronunciamentos doutrinários da Igreja.

P & R



“Como eu poderia tirar mais proveito das conferências de estaca? Ultimamente venho sentindo que assistir a elas é uma perda de tempo.”



Richard H. Horley
Supervisor de Seminários e Institutos.
Austrália.

As conferências da Igreja são ocasiões especiais em que membros e não-membros, igualmente, se reúnem e são fortalecidos pelos outros irmãos e pelos oradores. As palavras de verdade ali proferidas podem beneficiá-lo nos chamados da Igreja, bem como em assuntos pessoais.

Infelizmente, há pessoas que comparecem tanto às conferências locais como gerais e depois acham que não tiraram proveito algum. Em geral, a culpa é lançada sobre os oradores, mas, se a falha é realmente deles, por que então uma pessoa vai para casa insatisfeita, enquanto uma sua vizinha acha que foi uma das melhores conferências a que já assistiu? O problema não é do orador, mas do ouvinte.

O orador, sem dúvida, tem o dever de preparar-se para falar. Ele deve seguir a admoestação do Senhor: “. . . que ensineis a doutrina do reino uns aos outros”. Aquele que o faz diligentemente, é prometido que a graça do Senhor o atenderá. (Ver DEC 88:77-78) Ao esboçar o assunto, o orador deve estabelecer as necessidades da congregação e fazer-se receptivo aos “susurros” do Espírito. Mas, quantas vezes um excelente discurso deixa de ser proferido por causa da atitude fria e fechada da audiência? Quando os ouvintes se mostram receptivos e oraram por um bom desempenho, os oradores muitas vezes percebem que estão falando muito além da sua capacidade normal. Aparentemente o progresso espiritual, entusiasmo e alegria colhidos de uma conferência são em grande parte questão pessoal.

Alguns têm expressado pesar pelo fato de as Autoridades Gerais não mais comparecerem às conferências locais com a mesma freqüência de antes. Sabemos que o crescimento da Igreja torna isto impossível. Lembrese do que disse Jesus: “Na verdade, na verdade vos digo: se alguém receber o que eu enviar, me recebe a mim, e quem me recebe a mim recebe aquele que me enviou.” (João 13:20) Em outras palavras, quem não valorizar e respeitar os oradores locais em suas designações, não terá consigo o Espírito do Senhor.

Como, exatamente, pode o ouvinte tirar mais proveito de uma conferência?

Primeiro, tem que preparar sua mente para a ocasião, sentindo expectativa, receptividade, otimismo. Deve estar obedecendo aos mandamentos e esforçando-se para colocar em prática os conselhos dados na conferência anterior. Por importante que seja comparecer às conferências, muito mais importantes ainda são os períodos de fidelidade durante os meses intermediários. “E acontecerá que, se forem fiéis, e exercerem fé em mim, no dia em que se congregarem sobre eles derramarei o meu Espírito.” (DEC 44:2)

Além disso, digirir-se ao Senhor em oração com respeito a problemas ou necessidades especiais, bem como jejuar, pode beneficia-lo, ao orador e aos ouvintes.

Aqueles que assim se congregam para receber a orientação do Senhor no que lhes toca, é dito que “isso é agradável ao vosso Senhor, e os anjos se regozijam por vossa causa; as ofertas de vossas orações chegaram ao ouvidos do Senhor do Sabaoth, e estão registradas no livro dos nomes dos santificados, sim, os do mundo celestial.” (DEC 88:2)

Dando alguma consideração ao próprio preparo, a vontade do Senhor poder-lhe-á ser revelada tornando-se as conferências significativas em sua vida.



A Vila Em Que Nada Acontecia

A escola fechara para as férias de verão na vila mexicana de Catarina. Ernesto e Ricardo atravessavam o pasto seco e árido em direção à casa de adobe, carregando pesados baldes d'água pendurados de uma canga. Era o suprimento do precioso líquido que iam buscar num poço artesiano ao pé da montanha.

— O que vamos fazer neste verão? — perguntou Ricardo.

Os olhos pretos de Ernesto mostravam-se entediados, impacientes, ao retrucar:

— O que você acha? A mesma coisa de sempre. Nada! Se ainda fosse a época de chuvas... Pelo menos a gente poderia ir nadar.

— E se formássemos um clube ou coisa parecida? — sugeriu Ricardo. — Nosso professor disse...

Ernesto mudou a canga para o outro ombro.

— Nosso professor tem que ir para a cidade fazer um curso de seis semanas, e quando voltar, já será muito tarde para que organize um clube. Nesta nossa vila não acontece nada mesmo!

— Eu sei o que a gente poderia fazer, — falou Ricardo hesitante. — Podíamos cavar um poço.

A face de Ernesto abriu-se num grande sorriso de mofa.

— Ótimo, este é o melhor plano de férias de todos os que já ouvi!

— Bem sei que não é muito excitante, — admitiu Ricardo, — mas nós precisamos muito mesmo de um poço, não precisamos? Podíamos cavar um bem na divisa entre os quintais, assim serviria para as duas famílias.



Ernesto continuou calado por uns momentos. Seu olhar estendeu-se para as montanhas distantes ao imaginar o que existiria além delas. Haveria apenas outro punhado de aldeias e vilas onde nada acontecia?

Afinal, os pensamentos volveram ao que Ricardo propusera. Eles necessitavam realmente de um poço. Ernesto lembrava-se de como a mãe cuidadosamente media a água preciosa que carregava. Um bocadinho ia aguar seus potes de avencas e begônias. Antes de varrer, o chão era respingado parcimoniosamente. Até mesmo a água de lavar a louça era usada para regar os pés de lima e laranja perto da porta da cozinha. A vista d'olhos além dos montes teria que ficar para o futuro.



— Muito bem, — concordou Ernesto finalmente, com um dar de ombros, — então vamos abrir um poço.

Na manhã seguinte, o pai de Ernesto auxiliou os garotos a abrirem um claro nos altos cactos que faziam as vezes de cerca viva entre os quintais. Em seguida, arrancaram as raízes e, com a ajuda de uma vara e de um pedaço de corda, traçaram um círculo onde iam cavar o poço.

Logo os garotos estavam trabalhando de pá e picareta em punho. A terra estorricada parecia pedra, e a tarde estava cada vez mais quente.

— Que profundidade deve ter um poço? — indagou Ricardo.

— Até a gente encontrar água! — riu Ernesto.

Os garotos continuaram trabalhando dia após dia. Ernesto às vezes permitia à sua imaginação voar para longe, enquanto cavava. Recordava os casos contados por um amigo, o “seu” Carlos.

“Seu” Carlos era um geólogo aposentado que viera morar em Catarina. Ernesto jamais se cansava de ouvir suas histórias sobre os lugares distantes onde estivera.

Os dias ensolarados iam ficando cada vez mais brumosos, à medida que se aproximava a temporada de chuvas. Vez por outra, apareciam umas nuvens esfarrapadas, mas Catarina continuava na mesma modorra.

Afinal, os meninos tiveram que armar uma roldana provisória sobre o poço que se aprofundava, a fim de retirarem a terra e pedras cavadas. O trabalho ia ficando mais duro e já tinham as mãos cheias de calos. Mas prosseguiram incansáveis, procurando manter redondo e igual o buraco do poço.

Certa manhã, era a vez de Ernesto descer para cavar. Ele deslisou para dentro da escavação pela corda da roldana, apanhou a picareta

e deu início à faina. Logo no primeiro golpe, percebeu que o solo era agora totalmente diferente — um tanto arenoso, sem pedra alguma. Ernesto encheu o balde e depois retomou a picareta. Mais uma vez houve um som diferente.

— Acho que acabo de descobrir um tesouro! — gracejou, quando a cabeça de Ricardo apareceu na borda do poço.

Instantes mais tarde, Ernesto desenterrava um osso. Não se tratava de um osso qualquer, não. Era um osso muito, muito velho e enorme.

— Vou amarrá-lo na ponta da corda, — gritou para Ricardo. — Pronto, pode puxar!

Enquanto Ricardo examinava o osso, Ernesto continuou cavando.

— Ei! — gritou Ricardo, — alguma vez você viu coisa parecida? Eu nunca!

Ernesto respondeu com crescente excitação:

— Desça aqui! Há uma coisa enorme enterrada aqui embaixo!

Os dois meninos trabalharam furiosamente por quase uma hora. Estavam quase perdendo a esperança, quando a coisa se soltou. Não era um osso, não, mas uma enorme presa ou colmillo. De pé, ela era muito maior do que os garotos.

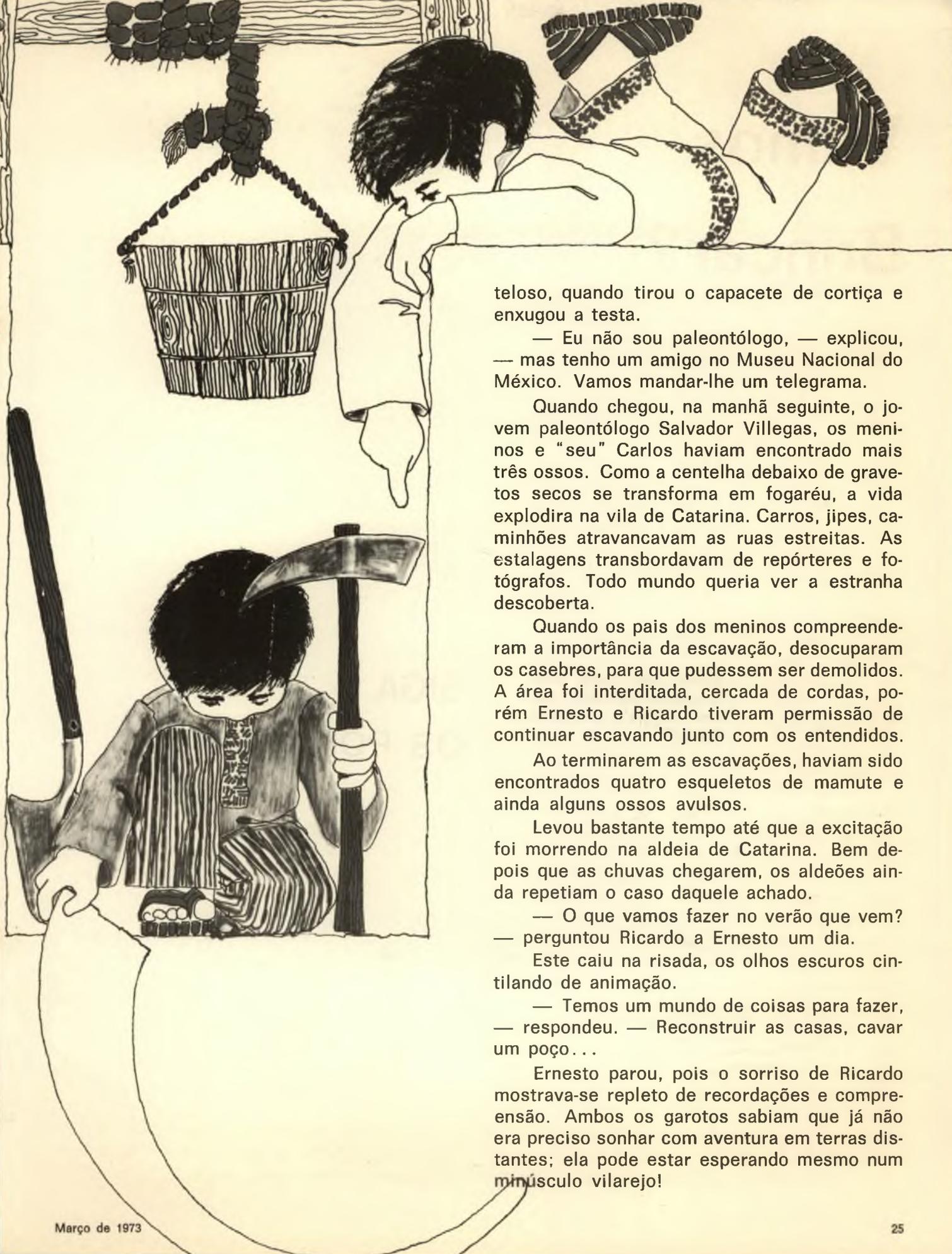
— Deve ter sido um elefante! — exclamou Ricardo.

— Talvez seja outra coisa, — sussurrou Ernesto. — Vamos perguntar ao “seu” Carlos!

— É bem capaz que ele ria da gente, — preocupou-se Ricardo.

Mas o “seu” Carlos não caçou coisa nenhuma. Em vez disso, foi dirigindo o jipe a toda pelas ruas de calçamento irregular, cobertos de grossa camada de pó, até a casa dos meninos.

Os garotos ficaram olhando “seu” Carlos livrar a presa cuidadosamente da terra aderente. Seus olhos azuis mostravam um ar cau-



teloso, quando tirou o capacete de cortiça e enxugou a testa.

— Eu não sou paleontólogo, — explicou, — mas tenho um amigo no Museu Nacional do México. Vamos mandar-lhe um telegrama.

Quando chegou, na manhã seguinte, o jovem paleontólogo Salvador Villegas, os meninos e “seu” Carlos haviam encontrado mais três ossos. Como a centelha debaixo de gravetos secos se transforma em fogaréu, a vida explodira na vila de Catarina. Carros, jipes, caminhões atravancavam as ruas estreitas. As estalagens transbordavam de repórteres e fotógrafos. Todo mundo queria ver a estranha descoberta.

Quando os pais dos meninos compreenderam a importância da escavação, desocuparam os casebres, para que pudessem ser demolidos. A área foi interditada, cercada de cordas, porém Ernesto e Ricardo tiveram permissão de continuar escavando junto com os entendidos.

Ao terminarem as escavações, haviam sido encontrados quatro esqueletos de mamute e ainda alguns ossos avulsos.

Levou bastante tempo até que a excitação foi morrendo na aldeia de Catarina. Bem depois que as chuvas chegarem, os aldeões ainda repetiam o caso daquele achado.

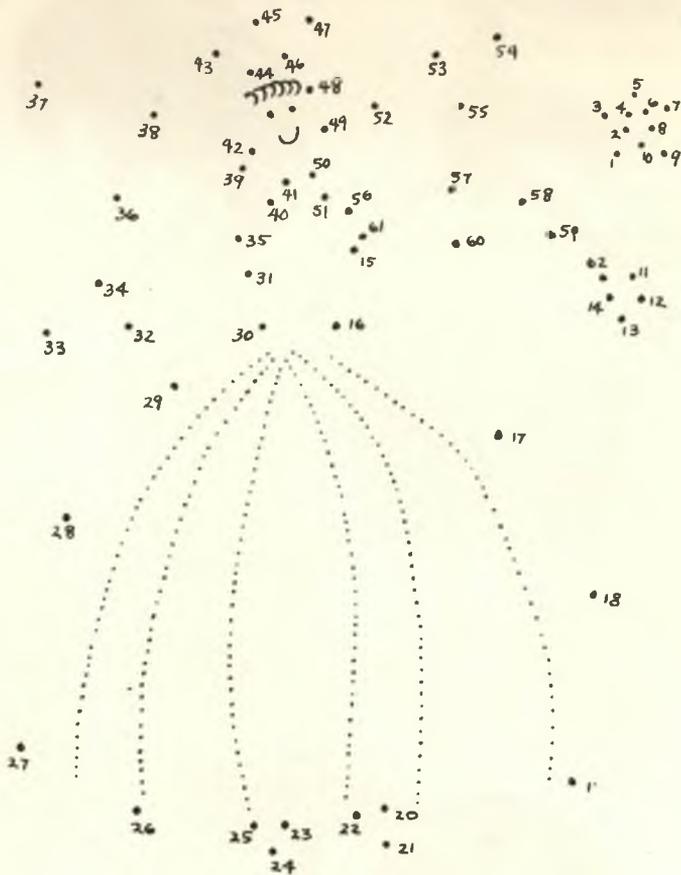
— O que vamos fazer no verão que vem? — perguntou Ricardo a Ernesto um dia.

Este caiu na risada, os olhos escuros cintilando de animação.

— Temos um mundo de coisas para fazer, — respondeu. — Reconstruir as casas, cavar um poço...

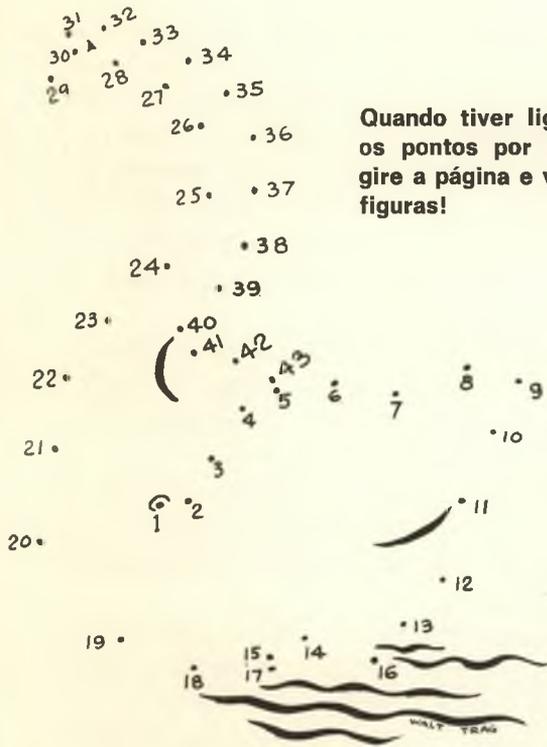
Ernesto parou, pois o sorriso de Ricardo mostrava-se repleto de recordações e compreensão. Ambos os garotos sabiam que já não era preciso sonhar com aventura em terras distantes; ela pode estar esperando mesmo num minúsculo vilarejo!

Vamos Brincar?



Quando tiver ligado todos os pontos por uma linha, gire a página e verá outras figuras!

SIGA OS PONTOS



O Jardim De Mariazinha

Dentro dele estão escondidos
uma casquinha de sorvete, um
esquiador, uma aranha, um alfi-
nete de segurança, uma macaca
com filhote, dois filhotes de
passarinho no ninho, uma gui-
tarra, um coelho e uma escova
de cabelos. Quantos você é
capaz de achar?



MÍRIAM CUIDA DO PEQUENO MOISÉS

Mary L. Lusk

Pelo menos era refrescante entre as canas e juncos à beira do rio, mas as horas demoravam a passar. Míriam sabia que não poderia perder de vista o cesto que flutuava entre os caniços dos baixios, pois, dentro dele, estava escondido seu irmãozinho.

Cuidar do irmãozinho Aarão havia sido bem diferente disto. Quando Aarão era bebê, Míriam carregava-o e brincava com ele na fresca sombra das figueiras e sicômoros do seu jardim. Mas isto fazia três anos, antes de o Faraó, o rei do Egito, ordenar que todos os filhos homens nascidos dos hebreus fossem lançados ao Nilo.

Tanto quanto Míriam conseguia lembrar, o seu povo, trabalhava duramente para o rei do Egito na lavoura, amassando argamassa e fazendo tijolos, construindo cidades e tudo o mais que lhes fosse ordenado. Mas ele lhes impusera capatazes que exigiam mais e mais trabalho deles. Agora os hebreus oravam ao seu Deus que os livrasse do jugo dos egípcios.



Quando nascera o irmãozinho de Míriam exatamente três meses atrás, seus pais guardaram segredo dos egípcios. Era um bebê tão lindo e tão especial! Como poderiam deixar que os egípcios o lançassem ao Nilo !

Por isso, a mãe trançara um cesto de juncos, revestido por fora e por dentro com uma camada de alcatrão, para que ficasse à prova d'água. Quando ficou bem seco, ela o forrou com um pano macio, para que o bebê se sentisse confortável. Depois, aguardou as horas mais escuras antes do amanhecer, para escondê-lo entre os caniços, à beira do rio. Míriam ocultou-se nas proximidades para vigiá-lo e ver o que aconteceria ao irmãozinho.

De repente, ela ouviu vozes e risos. Era a princesa, filha do rei, que vinha banhar-se no rio em companhia de suas servas.

A princesa acabou descobrindo a estranha barquinha de junco e mandou que uma das servas entrasse na água e o resgatasse. Ao abrir o cesto, olhou espantada para o bebê que se pôs a chorar:

— Que criança mais linda! — exclamou. — deve ser uma das crianças hebréias.

Míriam saiu do esconderijo e acercou-se da princesa.

— Quer que eu vá e arranje uma mulher hebréia para cuidar dele para a senhora? — indagou.

A princesa acenou que sim, e Míriam saiu correndo, para buscar a própria mãe.

— Cuide dele para mim — disse a princesa a ela — que eu lhe pagarei bem.

Assim, Míriam e sua mãe puderam levar o bebê novamente para casa. Elas cuidaram dele e o amaram, ensinando-o a adorar o Deus de seu povo. E o bebê crescia bem.

Quando ficou grande, a mãe de Míriam levou a criança à filha do faraó que o adotou como filho, dando-lhe o nome de Moisés.

— Porque, — dizia ela, — eu o tirei das águas.





O Homen Da Lua

(Uma lenda da África do Sul)

G. N. Lansdown

Há muitos, muitos anos, a hiena e o cachorro eram muito bons amigos e visitavam-se freqüentemente. Um dia, a hiena disse ao cachorro:

— Você hoje parece triste, meu amigo. O que foi que aconteceu?

— U-u-uh, u-u-uh! — uivou o cão. — Meu dono é um sujeito bastante cruel e muito mau comigo. Vive me batendo e dá-me só um pingo de comida. O que eu posso fazer?

A hiena refletiu seriamente por longo tempo e acabou dizendo:

— Você alguma vez já notou que há um

homem na lua, amigão? Na próxima lua cheia, basta você olhar para ela e verá o tal homem. É um sujeito muito bom e se você lhe contar seu problema, garanto que vai ajudá-lo.

O cão acreditou na história da hiena. Quando se sentia triste por alguma coisa, sentava-se e ficava uivando, uivando, contando ao homem na lua todos os seus aborrecimentos.

A primeira vez que a hiena ouviu o cachorro falando com o homem na lua, ela saiu correndo e ria, ria a mais não poder. E agora, sempre que se lembra do caso, começa a rir outra vez. É por isto que essa animal é muitas vezes chamado de hiena gargalhadeira.

Monumentos De Povos Desaparecidos

Paul Cheesman

Meso-América: Termo técnico aplicado à região que atualmente é a parte meridional do México, Guatemala, S. Salvador, maior parte de Honduras, Costa Rica e parte da Nicarágua; terra cujas antigas ruínas são lápides tumulares de civilizações passadas, domínio de culturas extintas, cujo nível frequentemente rivaliza — e chega mesmo a ultrapassar — o de suas contemporâneas do Velho Mundo.

Visto ser o Livro de Mórmon "a pedra fundamental da nossa religião", um registro de alguns dos antigos habitantes da Meso-América, as ruínas e artefatos desta parte do Novo Mundo exercem particular atrativo para os santos dos últimos dias.

Uma estranha aura de mistério e excitação parece pairar sobre esses monumentos em desintegração de povos praticamente desconhecidos. Como santos dos últimos dias, somos particularmente sensíveis a isso, talvez por causa de nossa aguda percepção das muitas coisas relacionadas com os povos do Livro de Mórmon: suas práticas religiosas, como o batismo; a crença num deus branco, barbado; os grandes feitos arquitetônicos, o desenvolvimento da agricultura; a excelência de suas artes e ofícios; os maravilhosos trabalhos em ouro e outros metais.

Conjecturas? Certamente. Disso são feitas as teorias. Mas os restos materiais dessas culturas pré-colombiana algum dia ajustar-se-ão uns aos outros, para aumentar nossos conhecimentos a respeito dos povos do Livro de Mórmon.

Sim, convém lembrar que essas relíquias não são apenas chaves para o passado; elas também nos ajudam a entender melhor nossos irmãos SUD do México e América Central dos tempos atuais. Essas antigas construções constituem-se num legado de antepassados veneráveis aos descendentes modernos que não podem deixar de mostrar um senso de dignidade, integridade e orgulho por esta esplêndida herança. Muito da língua, do saber e das características culturais desses descendentes modernos tem suas raízes no passado remoto, um passado intimamente ligado àquelas cidadelas de uma era que se foi.

A investigação arqueológica persistente servirá, sem dúvida, para ampliar nosso entendimento dos irmãos que vivem nessas terras hoje em dia. E quem sabe, com o tempo talvez consigamos até mesmo desvendar o mistério das ruínas propriamente ditas e descobrir seu significado.

As reproduções a seguir, selecionadas entre uma grande coleção de fotografias, captam o mistério e a grandeza decadente desses monumentos de povos extintos.

COPAN. Copan é tida como a segunda maior das antigas metrópoles na metade meridional da península, e o grande centro de ensino para os antigos habitantes. A cidade é situada em 176 A.D. Altares e monólitos (estelas) elaboradamente esculpidos, encontrados na praça, representam o esforço de grandes escultores do seu tempo. Uma magnífica escadaria hieroglífica, com



Copan

cerca de 10 m de largura e 62 degraus, apresenta entre 1.500 a 2.000 hieróglifos. Os pesquisadores acham que a medida exata dos intervalos entre eclipses foram primeiramente aferidos ali. Acredita-se também que grandes astrônomos e matemáticos regiam a vida do povo por meio de previsões astrológicas.

TEOTIHUACAN — Localizado quarenta e oito quilômetros a nordeste da Cidade do México, Teotihuacan é o local de um vasto complexo de ruínas. Diversas datas têm-lhes sido imputadas, mas parecem ter sido construídas por volta de 300 A.C., durante a época dos povos do Livro de Mórmon. A maior construção remanescente é a Pirâmide do Sol, em cujas proximidades existem doze edifícios de altar. A área total coberta pela pirâmide é maior que a ocupada pela grande pirâmide de Quéops, no Egito. Ainda existem ali avenidas, praças, palácios, edifícios públicos e muitas outras habitações. Ruas cimentadas cobrem condutos de drenagem subterrâneos. As paredes são rebocadas ou decoradas com murais. O nome azteca dessa bela cidade, Teotihuacan, significa "O Lugar Onde Deus Reside."

Teotihuacan



Palenque



MONTE ALBAN — Seria difícil encontrar estruturas mais belas do que as que encimam o monte de quase 400 m, a montante da moderna cidade de Oaxaca, 320 Km a sudeste da Cidade do México. A antiga cidade de Monte Alban, edificada oitocentos anos antes do nascimento de Cristo, continua de pé. Trabalhos em ouro, artigos de precioso jade, obsidiana, braceletes de ouro e prata, um diadema de ouro, um elegante vaso translúcido e numerosos outros artefatos magníficos têm sido desenterrados nessa antiga cidade.

LA VENTA — A chamada cultura Olmec, de La Venta, no México meridional, data de aproximadamente 880 A.C. Enormes esculturas de cabeças humanas eretas, feitas de basalto, eram produzidas por esse povo, sendo consideradas por alguns entendidos como retratos de nobres. Esse povo desconhecido deve ter sido excepcionalmente dotado em engenharia como também nas artes, uma vez que a matéria prima daquelas enormes esculturas tinha que ser transportada de mais de 80 Km das montanhas Tuxtla, a noroeste de La Venta. As cabeças maciças, algumas com mais de 3 m de altura, são um triunfo das artes da América antiga, embora sua função e propósito continuem sendo mistério.

La Venta



Monte Alban



Cuicuilco



Em uma época posterior, La Venta aparentemente atraía gente de perto e de longe para o culto a Quetzlcoatl, e ali a cruz foi entalhada nos muros de pedra, cinco séculos antes de Cristo.

PALENQUE — As ruínas de Palenque descansam à sombra de uma luxuriante encosta montanhosa, a leste de Villahermosa, México. Uma torre de quatro andares sobressai do complexo, com uma série de lances de escadas levando da base ao topo. Acredita-se que tenha sido usada como observatório astronômico e torre de vigia. No interior do Templo de Inscrições, localizado perto da torre e abaixo do nível do solo, existe um sepulcro contendo os restos mortais de um dignitário do sétimo século. Na face externa do tampo do sarcófago, observa-se o que parece ser o símbolo da Árvore da Vida, entalhada em forma de cruz. Essas ruínas, restos de uma magnífica civilização de antes do nascimento de nosso Senhor, erguem-se como misterioso monumento aos edificadores que não conhecemos.

TIKAL — A grande ruína de Tikal fica na Guatemala, próximo à sua fronteira com Honduras Britânica. Naquela região arqueológica tropical, existem mais 3.000 construções isoladas, incluindo templos, palácios, santuários, altares de sacrifício, plataformas cerimoniais, residências, canchas, terraços, passagens elevadas, locais de banho e acima de 800 monumentos de pedra. Foram descobertos ali mais 100.000 objetos cerimoniais, ferramentas, ornamentos pessoais e outras peças.

A idade dos edifícios de Tikal pode datar de até 600 A.C. A fotografia apresentada é do Templo do Jaguar Gigante, o mais importante na praça principal, embora não seja o maior dentro do complexo.

CUICUILCO — A pirâmide oval de Cuicuilco, nas proximidades da Cidade do México, foi construída em época anterior ao nascimento de Cristo. Essa ruína, atualmente um cone truncado com quase 25 m de altura e 119 m de diâmetro, o topo formado de quatro seções ligadas por uma rampa e escada, conserva apenas ligeira semelhança com sua forma original. Por volta da época do nascimento de Cristo, uma grave catástrofe destruiu o sítio de Cuicuilco. O chamado Pequeno Xitle, um vulcão dos arredores, de aparência insignificante, entrou em erupção, cobrindo de lava não apenas os edifícios de Cuicuilco, como também vastas regiões a sudoeste do Vale do México, atualmente conhecido como Pedregal.

DZIBILCHALTUN — Perto do litoral, ao norte da cidade de Mérida, Iucatão, México, encontramos as ruínas de Dzibilchaltún, cobrindo mais de trinta e dois quilômetros quadrados. Acredita-se que essa cidade tenha sido um centro de comércio para uma vasta área. Os estratos de habitação indicam que os primeiros habitantes podem ter-se estabelecido ali por volta de 2.000 A.C., sendo que o sítio parece ter sido habitado continuamente até a conquista espanhola. Restos de cerâmica originários de vários milhares de anos têm sido descobertos nos alicerces e paredes.

O Dr. Cheesman chefia o Instituto para Projetos do Livro de Mórmon, na Universidade Brigham Young, tendo feito mais de vinte viagens à América Central e América do Sul, a fim de estudar as ruínas dessas regiões.

Dzibilchaltun



Tikal





GUARDIÃES DO CONVÊNIO

Mary P. Parrish

Na longínqua Ucrânia, alcatéias de lobos costumavam vagar pelas regiões rurais, obrigando os que viajavam longas distâncias a se protegerem durante a noite. Por isso, faziam-se enormes fogueiras, pois, enquanto elas ardiam, os lobos não se aproximavam do acampamento, mas, assim que o fogo morria, eles o invadiam. O destino do acampamento ficava nas mãos da pessoa encarregada de manter o fogo aceso.

Em sentido espiritual, lobos perversos vagueiam pelo mundo à espera de uma oportunidade para atacar, ferir ou destruir. Como proteção contra tal perigo, o Senhor entregou nas mãos das mães de Israel a responsabilidade de manter acesa e viva a chama da fé no coração dos filhos. Essas mães em Israel são as guardiãs do convênio. E se forem fiéis a essa responsabilidade, o convênio que o Senhor fez com seu povo, de que seria o seu povo eleito — “o sacerdócio real” — continuará efetivo de geração em geração. Se falharem, os “lobos” invadirão, e as bênçãos do convênio estarão perdidas.

Este convênio se originou com Abraão, que viveu numa época de total apostasia. Todavia, ele e sua esposa Sara mudaram o curso das coisas, sendo instrumentos através dos quais o Senhor estabeleceu sua família real — uma nova raça — pela qual o cetro do poder de Deus, seu Sacerdócio Real seria perpetuado até o fim dos tempos.

Além disso, o Senhor comprometeu-se com Abraão de que a sua semente seria numerosa como a areia do mar ou os astros do firmamento. E no entanto, ao fim de vinte e qua-

tro anos de espera, Abraão não possuía somente alguma. Aos setenta e cinco anos, Sara sabia que já não estava em idade de ter filhos e, por isso, ofereceu ao marido a sua serva, pensando que qualquer criança gerada por ele seria o herdeiro prometido. Contudo, ela não tinha direito, nem Abraão, de escolher a mãe da raça do convênio; isto o Senhor se reservara, e sua escolha recaiu sobre Sara.

Então por que, poderíamos perguntar, o Senhor havia de esperar trinta e oito anos antes de dar um filho a Sara? Não dispomos de um esclarecimento nas escrituras para a questão, mas talvez Sara não estivesse preparada para o importante papel da maternidade até haver suportado muitas provações e passado por uma série de experiências que fortalecessem sua fé. É preciso não esquecer que Sara nasceu e se criou entre um povo que se achava em estado de total apostasia. Haviam-se afastado do Deus de seu pai, Noé, adotando o culto a ídolos. Sara não conhecia outro modo de viver. Seu pai e seu avô eram idólatras; somente Abraão, seu tio, é que adorava o único Deus verdadeiro. Ele, sozinho, resistia contra a grande onda de descrença. Sabemos que Sara veio a entender e admitir o Deus de Abraão, pois Abraão se casou com ela, e não teria desposado uma mulher idólatra.

Mas, será que Sara continuaria fiel? Ser mãe da raça do convênio era um grande e sagrado desempenho. Como tal, Sara daria à luz um grande e nobre espírito, escolhido antes da criação do mundo, o qual viria a ser um importante elo no estabelecimento da família real do Senhor aqui na terra. Esse nobre espírito viria à luz num país pagão, ficando exposto a todos os males dos cultos idólatras. A sua fé no único Deus verdadeiro dependeria em larga escala da influência materna. É através dela que ele saberia do convênio que o Senhor havia feito com Abraão. Aprenderia que era o herdeiro escolhido desse convênio e que, da sua maneira de honrá-lo, é que seria encarado pelas

gerações futuras.

Nesse aspecto, Sara era a guardiã do convênio, pois sua continuação dependeria grandemente da influência dela. Não era admissível que revertesse aos cultos de sua terra natal, independente das circunstâncias.

Sua primeira prova foi deixar para trás tudo o que lhe era familiar ou caro à alma, seguindo Abraão por um poeirento caminho de caravanas, para uma terra desconhecida, sustentada unicamente pela palavra dele de que o Senhor os guiaria até lá. Sara venceu a prova apenas para defrontar-se com outra. Chegando ao destino, não encontraram a esperada terra de leite e mel; pelo contrário, era uma região tão desolada e estéril, que não conseguiria sustentá-los. Mas a fé em Sara era tal, que seguiu adiante para o Egito sem reclamar, obedecendo sem perguntas à ordem do Senhor de apresentar-se como irmã de Abraão. Como resultado, ela foi levada à casa do Faraó, passando a viver num ambiente muito semelhante ao da casa paterna pois ali ninguém conhecia o Deus de Abraão.

Como hóspede do rei, rodeada de idólatras, seria o momento oportuno de abandonar o culto a Jeová, se fosse o caso. Mas ela não o fez! Emergiu não só como esposa virtuosa, mas também fiel ao único Deus verdadeiro, dando-lhe graças por tê-la protegido contra os muitos perigos da corte.

Desde que o Senhor prometeu descendência a Abraão, Sara tinha toda certeza para esperar que tal promessa fosse cumprida através dela. Essa esperança a susteve até haver ultrapassado a idade de procriar. Então, com o coração partido, submeteu-se à vontade do Senhor, abandonando toda e qualquer esperança de ter um filho próprio. Esse supremo desejo do coração ela depôs no altar da sua fé, e sugeriu à Abraão que outra mulher talvez devesse ser a mãe da semente prometida.

Agora Sara estava pronta para a bênção, e esta bênção era Isaque. Anunciando a Abraão



que Sara teria um filho, o Senhor conferiu-lhe o título de princesa; assim, todas as futuras gerações do povo do convênio poderiam a ela referir-se como sua mãe real. (Ver Gên. 17:15-16) E embora Sara já tivesse noventa anos, ela “recebeu a virtude de conceber, e deu à luz já fora da idade; porquanto teve por fiel aquele que Iho tinha prometido.” (Hebreus 11:11)

De Isaque, disse o Senhor: “Com ele estabelecerei o meu concerto por concerto perpétuo.” (Gên. 17:19) Sua esposa, Rebeca, foi escolhida pelo Senhor e por ele provada e testada durante vinte anos, antes de receber a bênção da maternidade. Só aí, tornou-se mãe de gêmeos — Esaú e Jacó, sendo este o mais moço.

Enquanto ainda carregava os filhos no ventre, o Senhor revelou a Rebeca que, contrariamente ao costume vigente, “o maior servirá ao menor”. (Gên. 25:23) Sabendo disso, ela defendeu ciosamente o divino direito de Jacó de tornar-se herdeiro do convênio. Descobrimo que Isaque tencionava dar esta bênção a Esaú, o qual já a vendera ao irmão e ainda se descreditara, casando-se com duas mulheres cananitas, ela interferiu e colocou Jacó em seu lugar.

Quando este protestou, dizendo: “Assim trarei eu sobre mim maldição e não bênção”, Rebeca replicou: “Sobre mim seja a tua maldição”. (Gên. 27:12-13) Rebeca dispunha de boa vontade a sofrer quaisquer conseqüências desse seu ato, para não ver o convênio passar para outro que não o herdeiro legítimo. Uma guardiã do convênio, deveras!

Quando Isaque descobriu o que acontecera, contou a Esaú que havia dado sua bênção a Jacó, e depois acrescentou: “...e será benedito”, (Gên. 27:33), querendo dizer com isso que as palavras pronunciadas provinham do Senhor e não dele, e por isso não podiam ser mudadas.

Mais tarde, o Senhor convencionou com

Jacó que o Sacerdócio continuaria a ser transmitido para sempre através da semente dele, e que seria pai de multidões, exatamente como havia prometido a seu pai e a seu avô antes dele, isentando, assim, Rebeca de qualquer culpa por seu ato.

De Receba pouco se sabe, além de que encorajou Isaque a mandar Jacó à procura de uma esposa entre a gente de Labão, irmão dela; porém, o motivo mais urgente era que Esaú pretendia matar Jacó, tendo este que ir embora ou morrer.

Jacó desposou as duas filhas de Labão, Lia e Raquel. Lia teve seis filhos e uma filha antes de Raquel gerar um filho. Como suas antecessoras, Sara e Rebeca, Raquel teve que esperar muitos anos antes de ser abençoada com uma criança. "Dá-me filhos, ou se não morro." (Gên. 30:1) foi seu grito de angústia. E lembrou-se Deus de Raquel, e Deus a ouviu, e abriu a sua madre." (Gên. 30:22) E nasceu José.

Durante aqueles longos anos estéreis, sem dúvida o Senhor estava preparando Raquel para a grande responsabilidade de ensinar e educar José nos seus caminhos. Ele teria que ser bem instruído, a fim de conservar-se fiel, pois nos caminhos traçados para ele, estaria sujeito à influência contaminadora de um povo idólatra, durante grande parte de sua vida.

Raquel não podia falhar! E tal não aconteceu, pois José se mostrou não só um paladino da justiça, como homem nobre, bondoso, magnânimo, puro e fiel a Deus e a seu povo. Foi um crédito para sua nobre mãe. Mesmo sendo um dos filhos mais moços, cabia-lhe o direito de primogenitura a ser concretizada por meio de seu filho Efraim.

Todavia, Raquel jamais soube desse sublime destino de José, pois faleceu pouco depois de dar à luz Benjamim, chorando ainda a sua suposta morte.

A mãe de Moisés teve papel semelhante ao de Raquel, pois seu filho também foi membro da corte egípcia, tendo sido levado para lá

como bebê, e criado pela filha do Faraó. E no entanto, quando veio a prova, Moisés abandonou a corte faraônica; desistiu de seu lar e pátria adotiva em favor dos israelitas oprimidos.

Os ensinamentos de sua mãe, durante os poucos anos em que cuidara dele como ama de leite, ficaram tão profundamente gravados na mente de Moisés, que não pôde esquecer que havia apenas um só Deus verdadeiro e que tinha com seu povo, Israel, um convênio de que seria seu povo eleito — instrumento do seu poder. E toda a instrução recebida das mãos dos tutores egípcios era um nada perto dessa verdade. Seria lícito dizer-se que a mãe de Moisés foi a genuína libertadora de Israel, pois foi ela quem o ensinou, sem o qual não teria havido nenhuma libertação.

Enquanto muitas mães na antiga Israel foram tão verdadeiras e fiéis ao seu encargo de guardiãs do convênio como as que acabamos de mencionar, outras não o foram. Eventualmente, a grande massa do povo relaxou sua vigilância permitindo que os males da idolatria se insinuassem na sua sociedade e lares. Acabe, seu rei, desposa Jezabel, uma adoradora de Baal; e como essa mulher era mais zelosa do que as guardiãs do convênio, a nação inteira sucumbiu às suas astúcias e adorou ídolos de pedra e madeira. O povo estava transgredindo as leis, mudando os estatutos e quebrando a aliança eterna. (Ver Isa. 24:5) Portanto, o convênio deixara de existir. Como consequência, o Senhor retirou seu espírito do povo, deixando-o desolado. Tornaram-se errantes e forasteiros em terras estranhas, porque o Senhor dispersou-o entre todas as nações do mundo — um testemunho trágico de que as guardiãs do convênio fracassaram para com o Senhor seu Deus.

Atualmente, o Senhor está chamando seu povo de todas as terras e plagas. As mães da tribo com o direito de primogenitura, voltaram a ter o privilégio de serem as guardiãs do convênio. E desta vez não podem fracassar!!

O Apóstolo Paulo admoesta: "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos..." (Ef. 5:22; também Col. 3:18) Ele ensina ainda: "... o marido é a cabeça da mulher..." (Ef. 5:23) Além disso, o Senhor instruiu Eva no Jardim do Éden: "... o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará." (Gên. 3:16)

É verdade que em certos lares SUD, a mulher ou mãe é obrigada a assumir uma responsabilidade maior quanto ao governo da família. Este seria o caso, por exemplo, na ausência do pai por morte ou divórcio, ou se estiver incapacitado por doença ou acidente. Mas, e nos lares SUD, em que ambos os pais estão presentes? Qual deve ser a relação entre o casal SUD, particularmente se o marido é portador do Sacerdócio?

Em 1902, pouco depois de tornar-se o sexto presidente da Igreja, o Presidente Joseph F. Smith declarou:

"Não existe autoridade maior no que refere à organização familiar do que a do pai, especialmente quando essa organização é presidida por um portador do Sacerdócio Maior. Essa autoridade, que é reverenciada pelos homens e entre o povo de Deus em todas as dispensações, tem sido altamente respeitada e muitas vezes acentuada pelos ensinamentos dos profetas inspirados de Deus. A ordem patriarcal é de origem divina e continuará por todo o tempo e a eterni-

Fortalecendo A Ordem Patriarcal No Lar

Brent A. Barlow

dade. Há uma razão particular por que homens, mulheres e crianças devem entender esta ordem e esta autoridade nos lares do povo de Deus, fazendo com que ela seja realmente aquilo para a qual Deus designou — um qualificativo e preparo para a mais alta exaltação dos seus filhos. No lar, a autoridade presidente é sempre investida no pai, e em todos os assuntos e problemas que se referem à família e ao lar, não existe nenhuma autoridade superior."

Tais ensinamentos terão alguma relevância para os matrimônios e famílias SUD? Imediatamente surge a questão sobre como a ordem patriarcal funciona num lar santo dos últimos dias. Tanto a validade quanto a

aplicação prática desse princípio merecem cuidadoso reparo.

De que maneira deve agir um marido SUD como "cabeça" de sua esposa? A mulher tem que "obedecer" ao marido em todos os casos e todas as coisas? Terá a mulher algo a ver com as decisões a tomar no casamento e na família? O patriarca é semelhante a um ditador, que governa com poderes absolutos e muitas vezes de forma tirânica?

Começamos dizendo que um marido ou pai SUD preside sobre sua mulher e família da mesma forma que um bispo, presidente de estaca ou do quorum de élderes governam o grupo específico ao qual foram chamados. Todos eles atuam com



auxílio de conselheiros, e raramente tomam decisões importantes sem consultar cuidadosamente aqueles que escolheram para assisti-los. Acontece com freqüência que as sugestões de um conselheiro os ajudam a tomar decisões mais apropriadas.

Um conselheiro pode ser escolhido para officiar na ausência do líder designado, ou mesmo na presença dele, pode dirigir por delegação, enquanto aquele preside. De maneira semelhante, segundo o Presidente Smith, "dentro do lar, a autoridade presidente está sempre investida no pai". O presidente da Igreja passa então a explicar por quê:

"...Esta ordem patriarcal tem o propósito e espírito divino, e aqueles que a desconsideram sob qualquer pretexto, não se encontram em harmonia com o espírito das leis de Deus, como devem ser reconhecidas no lar. Não é simplesmente uma questão de quem seja, talvez, melhor qualificado, nem uma questão de quem esteja vivendo com mais dignidade. Refere-se à lei e à ordem, e sua importância repousa no fato de que a autoridade permanece e é respeitada, mesmo por muito tempo depois que um homem se torna indigno de exercê-la."

Imagine-se, por exemplo, que confuso seria, se dois bispos fossem designados para uma única ala, e o primeiro se levantasse na reunião sacramental para anunciar que no domingo seguinte a dita reunião pas-

saria a ser realizada uma hora mais cedo. Enquanto faz o anúncio, suponhamos que o segundo bispo se levanta, expressando seu desejo de que o horário continuasse o mesmo. Com duas pessoas presidindo, poderiam funcionar os princípios democráticos? Suponhamos que houvesse dois presidentes de estaca, dois presidentes no quorum de élderes, dois presidentes na Escola Dominical, na Primária, na Sociedade de Socorro para dirigir cada auxiliar ou organização do Sacerdócio. Como haveriam de funcionar as coisas na Igreja? Haveria prevalência de "lei e ordem"? Semelhantemente, por que duas pessoas haveriam de presidir uma sobre a outra no casamento, ou sobre os filhos, especialmente quando uma delas é portadora do Sacerdócio e foi divinamente comissionada para tal?

Poderemos entender melhor a semelhança entre o governo do lar e de uma ala, examinando alguns dos ensinamentos de Paulo. Ele afirmou que para o homem ser ordenado bispo, tem que ser casado e que "governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia" (I Tim. 3:4) e "tenha filhos fiéis, que não possam ser acusados de dissolução nem são desobedientes". (Tito 1:6)

Provando ser capaz de arcar com sua principal responsabilidade — sua mulher e filhos — o homem está preparado para assumir uma segunda mordomia no Sacerdócio.



Paulo raciocinava: "Porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, como poderá cuidar da igreja de Deus?" (I Tim. 3:5. Traduzido diretamente do inglês — versão do Rei Tiago — para maior clareza. N. do T.)

Paulo afirmava que existe um "grande mistério" associado à ordem patriarcal. (Ver Ef. 5:32) O mistério poderá não ser tanto na maneira de a mulher submeter-se ao marido, como, de fato, na forma de o marido presidir sobre mulher e filhos e na sua interação recíproca. O Presidente Smith observa:

"Essa autoridade traz consigo um grande encargo, como também seus direitos e privilégios, e é imprescindível que os homens sejam exemplares em suas vidas, e se adaptem cuidadosamente para viver em harmonia com essa importante regra de conduta ordenada por Deus na organização familiar."

O Apóstolo Paulo insistia: "Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela... Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama a si mesmo. Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja... Assim também vós cada um em particular ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o marido." (Ef. 5:25,

28-29, 33)

A revelação moderna declara como um portador do Sacerdócio deverá officiar, e explica como ele deve presidir, particularmente em se tratando da mulher e da família:

"Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do Sacerdócio, a não ser que seja por persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido.

"Com benignidade e conhecimento puro, que grandemente ampliarão a alma, sem hipocrisia e sem dolo.

"Reprovando às vezes com firmeza, quando movido pelo Espírito Santo; e depois, mostrando um amor maior por aquele que repreendeste, para que não te julgue seu inimigo;

"...os direitos do Sacerdócio são inseparavelmente ligados aos poderes dos céus, e... os poderes dos céus não podem ser controlados nem manipulados a não ser pelo princípio da retidão.

"É certo que esse poder pode ser conferido sobre nós; mas, quando tentamos encobrir os nossos pecados ou satisfazer o nosso orgulho, nossa vã ambição, exercer controle ou domínio ou coação sobre as almas dos filhos dos homens, em qualquer grau de injustiça, eis que os céus se afastam; o Espírito do Senhor se magoa; e, quando se afasta, amém para o Sacerdócio ou a autoridade daquele homem.

"Nós aprendemos por experiências dolorosas que é de natureza e dispo-

sição de quase todos os homens, que tão depressa adquirem um pouco de autoridade, como supõem, logo começam a exercer injusto domínio.

"...que a virtude adorne teus pensamentos incessantemente; então a tua confiança se tornará forte na presença de Deus; e, como o orvalho dos céus, a doutrina do Sacerdócio se destilará sobre a tua alma.

"O Espírito Santo será teu companheiro constante e o teu cetro um cetro imutável de retidão e verdade; e o teu domínio um domínio eterno e sem medidas compulsórias que fluirá a ti para todo o sempre." (D&C 121: 36-37, 39, 41-43, 45-46)

O robustecimento da ordem patriarcal nos lares SUD não só elevará as relações do casal como também melhorará o relacionamento entre pais e filhos. Quando a mulher questiona as decisões, a autoridade ou o direito do marido de officiar no lar, não será uma consequência lógica que os filhos façam o mesmo? Além do mais, não é possível que a criança passe a questionar não só o direito do pai, mas o de ambos em tomarem decisões que afetem a sua vida? O Dr. Edward J. Rydman, diretor-executivo da Associação Americana de Conselheiros Matrimoniais e Familiares, afirma:

"No momento, ainda dispomos de pouca evidência científica, mas certos círculos vêm expressando suas apreensões de que a crescente rebelião da juventude seja uma consequência lógica da tendência para a

equidade. A juventude de hoje reclama, de maneira nova e em número crescente, voz ativa nas questões educacionais, casamento, fator sexual e outras áreas significativas da vida. Assim como a mulher desafia a autoridade do homem, a juventude desafia a autoridade da família e de todas as demais instituições sociais relacionadas."

Os pais SUD talvez estejam enfrentando uma época crítica. Foi-nos ordenado que ensinemos aos nossos filhos os princípios do Evangelho, a terem fé em Cristo, a se arrependem, batizarem e receberem o Espírito Santo. Em suma: ... eles também ensinarão as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor." (D&C 68: 28) Uma falha nessas coisas terá inevitavelmente suas conseqüências.

Paulo também ensinou que "nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos. Porque haverá homens (filhos) ... desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos." (II Tim. 3:1-2) Se a família SUD deve sobreviver nesses últimos dias de "desobediência", é preciso que examinemos cuidadosamente os princípios pelos quais nossas famílias são governadas e mantidas.

O Senhor ordenou à antiga Israel: "Honra a teu pai e a tua mãe." (Êx. 20:12) É um princípio para ser não apenas transmitido verbalmente aos filhos, mas também ser demonstrado primeiramente pela mãe honrando o

pai como cabeça da família, e o pai, por sua vez, honrando a mãe.

Quando marido e mulher mostram honra e respeito recíprocos, os filhos são conseqüentemente ensinados a honrar os pais. O mandamento de honrar pai e mãe, segundo o Presidente Smith, é obrigatório para todo membro da Igreja hoje em dia, pois a lei é eterna.

Pais e mestres também possuem uma importante responsabilidade para com os santos dos últimos dias que estão para casar. Paulo recomendava com insistência que ensinassem "as mulheres novas a serem prudentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos, a serem moderadas, castas, boas donas de casa, sujeitas a seus maridos..." (Tito 2:4-5) e afirma ainda: "Quero pois que as que são moças se casem, gerem filhos, governem a casa, e não dêem ocasião ao adversário de mal-dizer." (I Tim. 5:14)

Ele exortava igualmente os rapazes a serem "moderados. Em tudo dá por exemplo de boas obras; na doutrina mostra incorrupção, gravidade, sinceridade, linguagem sã e irrepreensível..." (Tito 2:6-8)

Compreendendo a ordem patriarcal do casamento, o rapaz SUD terá o cuidado de escolher uma esposa que acate a maneira pela qual ele presidirá durante seu matrimônio. Inversamente, a moça SUD também será mais seletiva na escolha do marido que irá presidir sem "injusto domínio" e que entenda suas necessi-

dades e a de seus filhos. Porque, se um casamento ou família SUD funcionasse de qualquer outra forma que não a ordem patriarcal, seria, como já foi dito, estar "em desarmonia com o espírito das leis de Deus conforme são ordenadas para reconhecimento no lar".

Se a ordem patriarcal de casamento for praticada conforme ditam as Escrituras e os líderes da Igreja, não há dúvida de que maridos e mulheres terão uma vida matrimonial mais feliz e estável. Ademais, num relacionamento assim, podem-se aplicar importantes diretrizes para a criação dos filhos. O Presidente Smith admoesta:

É preciso ensinar as mulheres e crianças a sentirem que a ordem patriarcal foi instituída no reino de Deus para um sábio e benéfico propósito, e que devem apoiar o chefe da casa e encorajá-lo no cumprimento de seus deveres, fazendo o possível para ajudá-lo no exercício dos direitos e privilégios que Deus confere sobre o cabeça do lar...

"Portanto, a necessidade de organizar a ordem patriarcal e a autoridade do lar repousa num princípio, como também na pessoa que possui aquela autoridade, e entre os santos dos últimos dias, a disciplina familiar, baseada na lei patriarcal, deve ser cuidadosamente cultivada, e assim, estarão os pais capacitados a remover muitas das dificuldades que agora enfraquecem sua posição no lar."

GEORGE ALBERT SMITH

O Que Sabia Alcançar

Os Corações

Arthur R. Bassett

Muitos de nós não conseguimos resistir àqueles que nos têm genuíno amor e sabem demonstrá-lo de maneira significativa. Tais pessoas costumam tornar-se importantes para nós, por sabermos que somos realmente importantes para elas.

Os que possuem essa qualidade de amar, são, infelizmente, em número muito reduzido, uma vez que o genuíno interesse pelos outros é uma comunicação natural de alma para alma, não um talento capaz de ser desenvolvido por alguns segredos de ofício. Esse tipo de amor é mais que levar o outro a falar de si mesmo ou de seus interesses, porque, assim que a pessoa tem consciência de estar empenhada em relações humanas, parte a espontaneidade que dá vida a qualquer interação com outro ser humano.

Muitos podem aprender as **técnicas** ensinadas em cursos de relações humanas, mas é preciso cultivar também a **profundidade** de sentimentos envolvida na honesta empresa para com o bem-estar alheio.

A juventude de hoje rebela-se com razão contra o simulacro das **técnicas** de contato que, na realidade, muitas vezes procuram **manipular** a outra pessoa, ao invés de **entendê-la**. Os jovens da atualidade clamam por autenticidade, por interesse genuíno e por um relacionamento significativo entre as pessoas. Um grande exemplo de homem que incorpora em si todas essas qualidades, foi o oitavo presidente da Igreja — George Albert Smith.

O Presidente Smith era respeitado e amado por toda gente, dentro e fora da Igreja, **porque ela as amava** e elas sentiam esse **interesse genuíno**. Beverly Nichols, novelista britânico, certa vez viajou pelos Estados Unidos a fim de estudar o modo de vida norte-americano. Mais tarde, escreveu um livro bastante humorístico, intitulado **Uncle Samson**, cuja principal característica era satirizar acerbamente a vida americana. Um dos capítulos relata sua visita à Cidade de Lago Salgado. Como inúmeros outros correspondentes ao se defrontarem com a vida de uma comunidade SUD pela primeira vez, ele achou graça em muita coisa, mas não em seu contato com o Presidente George Albert Smith, de quem escreveu: "Se já encontrei um homem honesto, íntegro, temente a Deus, foi o Presidente Smith."

Quando do funeral de George Albert Smith, deu-se um fenômeno interessante — um não-mórmon foi convidado a falar como um dos principais oradores. O Sr. Fitzpatrick, o orador em questão, resumiu sucintamente os sentimentos de muitos não filiados à Igreja, quando disse a respeito do Presidente Smith:

"Ele era um homem sem malícia, um homem religioso e líder espiritual, não só na sua própria Igreja — mas em qualquer grupo. Mesmo estando sozinho com ele, sentia-se sua espiritualidade..."

"Ele gostava de falar da fraternidade humana, de seu genuíno amor a todos os homens. Isto afinal, é a verdadeira beneficência de Cristo,



O Presidente Smith autografou esta fotografia.



O Elder Smith ao retornar de sua primeira missão (nos Estados Sulinos), por volta de 1893.

Quando moço, George Albert Smith trabalhou como caixeiro-viajante no sul de Utah e sudeste de Nevada para a ZCMI (Zion's Cooperative Mercantile Institution. — Grande loja na Cidade de Lago Salgado).



Fotografia tirada enquanto servia como presidente da Missão Européia.



Acima: Como presidente da Missão Européia. Dezembro de 1919.

mais profunda que quaisquer divergências doutrinárias, esse dom do alto que produz uma interação mais rica e plena do sentimento do homem para com o homem.”

O Presidente J. Reuben Clark, falando no mesmo funeral como alguém que conheceu o Presidente George Albert Smith intimamente servindo na Primeira Presidência, disse:

“Gostaria de dizer uma palavra ao povo da Igreja. Perdestes um grande líder — em sua categoria talvez o maior que já tivemos. Não creio ter visto alguma vez na Igreja um homem com maior amor pela humanidade do que o Presidente George Albert Smith.”

O Presidente Smith aprendera bem cedo na vida que os grandes homens sempre arranjam tempo para os necessitados. Quando tinha apenas cin-

co anos, a mãe vestira-lhe a roupa de veludo preto e mandara-o procurar Brigham Young, como portador de uma carta, pedindo o auxílio para algumas passagens de trem para Ogden. O marido da Irmã Smith estava em missão na Grã-Bretanha e ela era tão pobre, que não podia adquiri-las.

O pequeno George caminhou os dois quarterões até o escritório do Presidente Young e abriu o pesado



Encontro de dois presidentes — Presidente Smith e Presidente Harry Truman.



Seus familiares guardam carinhosamente estes prêmios e distinções que lhe foram conferidos no decorrer de sua vida.

portão de madeira do muro que na época cercava a sede da Igreja. Quando o portão maciço girou nos pesados gonzos de ferro, o garotinho viu-se cara a cara com um troncudo escocês chamado John Smith, que o interpelou:

— O que você quer?

Apavorado, George respondeu:

— Quero falar com o Presidente Young, — ao que o escocês retrocou, berrando:

— O Presidente Young não tem tempo para gente como você.

Segundo seu próprio relato, naquelas alturas o menino estava prestes a desmaiar, mas justamente então abriu-se a porta do escritório e saiu o Presidente Young, perguntando:

— O que há, John?"

Este respondeu:

— Este sujeitinho aqui deseja ver o Presidente Young, — e caiu na gargalhada, como se fosse uma boa anedota. O Presidente Young, porém, com toda a dignidade, disse-lhe:

— John, faça-o entrar."

"O guarda não teve outro remédio senão deixar-me entrar e conduziu-me até o pátio onde estava o Presidente Young...

"O Presidente tomou-me pela mão, levando-me para o seu escritório; sentou-se à sua mesa e colocou-me sobre seus joelhos, mantendo depois o braço em torno de mim. Da forma

mais gentil que se possa imaginar, perguntou:"

— O que você deseja do Presidente Young?"

"Imaginem só! Ele era o presidente de uma grande Igreja e governador de um território, e com todos os deveres que tinha a fazer, eu, um garotinho, era recebido com tanta dignidade e gentileza, como se fora o governador de um estado vizinho."

Calculem a imagem que o futuro profeta do Senhor, George Albert Smith, guardava do Presidente Young ao sair, quando garotinho, do seu escritório. Já adulto, nunca se esqueceu daquela lição e sempre mostrava deferência com as pessoas que facilmente poderiam ser consideradas insignificantes para os outros.

Certa ocasião, por exemplo, viajava de retorno de uma convenção, tendo em sua companhia a filha do Presidente Heber J. Grant. Ela conta que ele, ao olhar pelo vagão, reparou em uma jovem mãe com seus filhos e rodeada de bagagem. Sentiu-se impelido a conversar com ela, indagando de seu bem-estar.

"Em poucos minutos, o Presidente Smith estava lá conversando com a jovem mãe. Voltando ao nosso lugar comentou:"

— É exatamente como pensei. Aquela mãezinha vai fazer uma longa viagem e dei uma olhada nas suas

passagens. Não entendo como o homem que as vendeu não encontrou uma rota melhor para ela. Desse jeito ela terá uma longa espera em Ogden e outra em Chicago. Estou com as passagens e vou descer em Ogden, para ver se consigo trocá-las, a fim de que não precise esperar tanto em Ogden e Chicago."

O Presidente Smith saltou do trem, assim que este parou, e pôs em ordem os negócios da jovem mãe, trocando as passagens por outras mais convenientes para ela. Era assim a sua sensibilidade com os outros.

Essa mesma sensibilidade ele intensificou sobremaneira, envolvendo-se com toda sorte de gente e procurando conhecer seus problemas. Aos vinte anos, George Albert Smith trabalhava como vendedor da **Zion's Cooperative Mercantile Institution**, viajando pelo sul de Utah em companhia de um colega conhecido apenas como Jim.

Já naquela época, fica-se impressionado com a habilidade do futuro profeta de conviver com todo o tipo de pessoas. Ocasionalmente, ele entretinha os outros com sua harmônica e guitarra, e conservava sua forma física, exercitando-se com maçãs e halteres (vez por outra fazendo exibições de sua destreza em algumas vilas).

A família do presidente: (da esquerda para a direita) sua filha Emily, Lucy, Emily Woodruff Smith, sua esposa, filho George Albert Jr. e filha Edith.



Esta fotografia, umas das prediletas da família, foi tirada em 1950, por ocasião de seu octagésimo aniversário.

Seu senso de humor, que lhe abria muitos corações, evidenciava-se de tempos em tempos. Uma prova dele é o incidente de viagem envolvendo uma botija de uísque que Jim levava consigo para compartilhar com os fregueses. George ficou preocupado, quando descobriu o fato, por causa de seu compromisso com a Palavra de Sabedoria. Contudo, não houve nenhum sermão nem reprimenda — apenas a idéia para uma boa brincadeira em algum ponto ao longo da viagem. A oportunidade surgiu antes de os dois deixarem Provo, aproximadamente oitenta quilômetros ao sul da Cidade de Lago Salgado. Enquanto Jim estava longe do carro, George localizou a botija e levou-a a um amigo com a instrução de substituir o uísque por água. Depois, colocou-a de volta no lugar original.



A voz rica e melodiosa fez do Presidente Smith um efetivo locutor de rádio. Durante a Segunda Guerra ele surpreendeu frequentemente os soldados de além-mar com mensagens pessoais através do rádio.

Noites mais tardes, Jim foi pegá-la e descobriu o segredo: — nada de uísque, apenas uma garrafa cheia de mal-cheirosa água sulfurosa, para grande deleite do Presidente Smith que gostava de repetir esta história e outras em que ele próprio fora a vítima de alguma brincadeira.

Antes de ser apóstolo, George Albert Smith cumpriu duas missões — uma como missionário da AMM nos povoados da região sul de Utah, e a outra nos Estados Unidos onde continuava acesa a perseguição aos mórmons. Certa vez, o Élder Smith ficou com um grupo de missionários numa cabana de troncos, sob o assédio do populacho. Enquanto os missionários se agachavam no soalho, o quarto era varrido por uma saraivada de balas. Contudo, durante todo o tempo, não houve nenhum sinal de amargura da parte do Élder Smith, apenas determinação de trabalhar com mais afinco, para “compartilhar o Evangelho com o resto dos filhos de Deus.”

No decorrer da vida, as atividades do Élder Smith levaram-no a ter contato com grupos fora da Igreja. Com menos de trinta anos, foi nomeado

“Recebedor Federal de Dinheiros Públicos e Agente Pagador Especial”, a primeira nomeação federal no novo Estado de Utah. Mais tarde, ingressou em organizações nacionais, tais como a dos Filhos da Revolução Americana e os Escoteiros da América, e participou de congressos agrícolas nacionais.

Em todos os casos, conquistou preeminência nacional na organização. Tornou-se vice-presidente dos Filhos da Revolução Americana; recebeu o “Castor de Prata” e o “Búfalo de Prata”, as mais altas distinções no escotismo; serviu na Junta Nacional Executiva dos Escoteiros da América, e foi presidente do Congresso Internacional de Irrigação e Cultivo durante grande parte dos anos de sua existência. Seu valor pessoal foi reconhecido em tudo o que empreendeu, em parte por causa da sua intensa sensibilidade para com o bem-estar alheio.

Como fruto de toda essa sua experiência, ele veio a formular o que chamava de seu credo de vida:

“Ser um amigo para os necessitados e encontrar alegria, aliviando as necessidades dos pobres.”

Um dos aspectos mais interessantes de sua gestão como profeta do Senhor foi o envio de vagões de suprimentos aos membros da Igreja atingidos pelas calamidades da II Guerra Mundial. Após, socorrer os membros da Igreja, enviou toneladas de trigo para não membros na Grécia que sofriam de inanição. Ele conheceu a pobreza na própria carne quando jovem e fazia tudo ao seu alcance para socorrer os que sofriam seus efeitos; jamais poderia ser vítima de apatia.

"Visitar os enfermos e aflitos, e inspirar-lhes a fé que cura."

Era uma visão comum nos hospitais da Cidade de Lago Salgado, e noutras partes onde quer que estivesse, ver o Presidente Smith percorrer as enfermarias depois de um dia de trabalho, visitando os enfermos sofrendores. Ele também conheceu o sofrimento. Por quase quatro anos (1909-1912), no princípio de seu ministério apostólico, estivera tão enfermo, a ponto de não poder servir ativamente em seu chamado. Dez anos mais tarde, comentava numa conferência geral:

"Estive no vale da sombra da morte há poucos anos, tão próximo ao outro lado, que estou certo de que não poderia ter permanecido aqui, não fosse pela bênção especial de nosso Pai Celeste... Quanto mais me aproximava do outro lado, maior era minha certeza de que o Evangelho é verdadeiro."

Ele jamais esqueceu as lições daquela enfermidade, e, sem dúvida, elas contribuíram para a profundidade de sua compaixão, a fim de que ele, à semelhança do Mestre, pudesse conhecer" segundo a carne como socorrer o seu povo, de acordo com suas enfermidades." (Alma 7:12)

"Buscar o errante e tentar reconduzi-lo a uma vida reta e feliz."

"Procurar não forçar as pessoas a viverem segundo meus ideais, mas antes induzi-las pelo amor a fazerem o que é certo."

"Viver com as massas e ajudá-las a solucionarem seus problemas, para que sua vida terrena seja feliz."

"Evitar a publicidade das altas posições e desencorajar as lisonjas de amigos insinceros."

Quão animador não é encontrar esse tipo de atitude entre os de posição destacada! Na conferência ge-

ral de 1933, George Albert Smith acentuou este ponto:

"Para mim, uma das belas coisas no Evangelho de Jesus Cristo é que nos leva todos a um nível comum. Não é necessário que um homem seja presidente de estaca, ou membro do Quorum dos Doze para fazer jus a um lugar elevado no reino celestial. O mais humilde dos membros da Igreja, se guardar os mandamentos de Deus, ganhará idêntica exaltação a qualquer outro homem no reino celestial. A beleza do Evangelho de Jesus Cristo é que nos torna todos iguais, contanto que guardemos os mandamentos do Senhor. Desde que nos empenhemos em guardar as leis da Igreja, temos oportunidades iguais de ser exaltados. À medida que desenvolvemos fé e retidão, nossa luz passa a brilhar como um guia e bênção para aqueles com quem nos associamos."

"Nunca ferir voluntariamente os sentimentos alheios, nem mesmo daquele que me tenha ofendido, mas procurar fazer-lhe o bem e torná-lo meu amigo."

"Superar a tendência ao egoísmo e aos ciúmes, e regozijar-me com os sucessos de todos os filhos de meu Pai Celestial."

"Não ser inimigo de qualquer alma vivente."

"Sabendo que o Redentor da humanidade ofereceu ao mundo o único plano que nos desenvolverá em toda a plenitude, tornando-nos realmente felizes aqui e no além, sinto que é não apenas meu dever, mas um bendito privilégio disseminar estas verdades."

Para alguns, tais credos são simples palavras, brilhantes generalidades" como as chamam. Mas, para o Presidente Smith, eram pontos focais para seu modo de viver.

Porém, existe um outro ponto que todos os jovens que se julgam em desvantagem (de uma ou de outra forma) deveriam conhecer. Examinem novamente a fotografia do Presidente Smith. Notem sua vista esquerda. Ela não está centralizada, mas se desvia para fora. Durante a vida inteira, o Presidente George Albert Smith teve que haver-se com esse seu defeito, quando lia, em tudo o que fazia o dia inteiro e nos primeiros contatos com as pessoas. Mas, ao invés de lamentar sua própria desvantagem, procurava dar-se aos outros e ganhava seu imorredouro amor e amizade.

Fosse qual fosse o problema ou a preocupação, o Presidente George Albert Smith mostrava que dar de si — ajudar os outros — é o segredo para uma vida feliz.

**MARCOS IMPORTANTES DA VIDA DE GEORGE ALBERT SMITH
(1870-1951)**

4 de abril de	Idade	
1870	—	Nasc. na Cidade de Lago Salgado.
1880	10	Pai é ordenado apóstolo
1883	13	Trabalha na fábrica de Roupas.
1891	21	Cumprir missão ao sul da Utah, no interesse da AMMR.
1892	22	Casa-se com Lucy Emily Woodruff.
1892-94	22-24	Cumprir missão nos Estados Sulinos.
1898	28	Nomeado Agente Recebedor e Pagador do Governo dos EE.UU. para o Estado de Utah, pelo presidente norte-americano William McKinley.
1903	33	Ordenado apóstolo.
1909-12	39-42	Enfermidade impede trabalho ativo.
1916	46	Eleito presidente do Congresso Internacional de Irrigação.
1917	47	Eleito presidente do Congresso Internacional de Cultivo de Terrenos Áridos (Lavoura-seca).
1919-21	49-51	Presidente da Missão Européia.
1921	51	Designado superintendente geral da AMMR.
1922	52	Eleito vice-presidente da Associação Nacional dos Filhos da Revolução Americana.
1931	61	Eleito membro da Junta Nacional Executiva dos Escoteiros da América.
1938	68	Visita missões do Pacífico Sul.
1945	75	Apoiado presidente da Igreja.
4 de abril de 1951	81	Falece.

A NOVA

A Primeira Presidência anunciou uma reformulação dos programas da Igreja administrados pelas Associações de Melhoramentos Mútuos.

Foram criados duas AMMs distintas, ambas orientadas pelo Sacerdócio. Uma fica sendo a AMM (Associação de Melhoramentos Mútuos, Rapazes e Associação de Melhoramentos Mútuos, Moças) do Sacerdócio Aarônico, para jovens de 12 a 18 anos, cujo programa será dirigido pelo Bispado Presidente. A segunda é a da AMMA (Associação de Melhoramentos Mútuos, Adultos) do Sacerdócio de Melquisedeque, a qual está dividida em dois grupos: o de "Jovens Adultos" para pessoas solteiras de 18 a 25 anos, e o de "Interesses Especiais" para pessoas solteiras de 26 anos em diante. As atividades para pessoas casadas ficarão a cargo dos quoruns do Sacerdócio.

Ao anunciar a nova programação, o Presidente Harold B. Lee explicou que ela foi criada no interesse de uma melhor correlação do Sacerdócio.

A diretriz básica dessa nova programação é que as atividades da AMM sejam destinadas aos membros solteiros. Os casados serão envolvidos em atividades organizadas pelos quoruns.

A Primeira Presidência também comunicou a designação de novas presidências para os programas dos jovens. Estas presidências servirão

sob a direção do Bispado Presidente. Como presidência para os rapazes foram chamados os irmãos Robert L. Backman, LeGrand R. Curtis e Jack H. Goaslind Jr.; Ruth Hardy Funk, Hortense H. Child e Adeth G. Kapp compõem a presidência das moças.

O presidente geral da AMMR, W. Jay Eldredge e seus conselheiros George I. Cannon e Robert L. Backman foram desobrigados, como também a presidente geral da AMMM, Florence S. Jacobsen e suas conselheiras, Margaret R. Jackson e Dorothy P. Holt. Com as presidências foram desobrigados igualmente todos os membros das respectivas juntas.

Os supervisores para os programas dos adultos são os élderes Thomas S. Monson, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton e Bruce R. McConkie, todos do Conselho dos Doze. Eles serão os supervisores da AMM do Sacerdócio de Melquisedeque bem como dos currículos, projetos de serviço e atividades a serem administrados pelos quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque. Os membros casados, viúvas de portadores do Sacerdócio e élderes em perspectiva participarão, de agora em diante, das atividades dos quoruns do Sacerdócio.

Sob a direção do comitê supervisor dos Doze acima mencionado, foram nomeados um diretor-gerente e dois diretores adjuntos para dirigir a AMM do Sacerdócio de Melquisedeque. O Élder James E. Faust,

assistente do Conselho dos Doze, foi escolhido para diretor-gerente; e os élderes Marion D. Hanks e L. Tom Perry, igualmente assistentes dos Doze, são os diretores adjuntos. Os projetos de serviço e atividades para os Jovens Adultos e Interesses Especiais passarão a ser dirigidos por estes irmãos.

No âmbito de estaca, o programa da AMM do Sacerdócio Aarônico será dirigido pela presidência da estaca e o comitê do Sacerdócio Aarônico. Outros líderes e supervisores dos programas para os jovens serão chamados pela presidência da estaca segundo as necessidades.

A supervisão adulta, no âmbito da ala, ficará a cargo do bispado, do secretário geral do Sacerdócio Aarônico e supervisores dos quoruns deste Sacerdócio (que são a presidência da AMMR) e da presidência da AMMM.

No programa da AMM do Sacerdócio de Melquisedeque, os Jovens Adultos serão organizados em âmbito de estaca e regional para membros solteiros de 18 a 25 anos, incluindo os membros da Associação de Estudantes SUD. Esta associação continuará a funcionar, sendo também o órgão coordenador para estudantes SUD nos "campus" universitários que freqüentam institutos de religião continuarão a receber ali instrução do Evangelho, mas suas atividades passarão a ser parte da programação do grupo de Jovens Adultos da estaca e região.

A M M

Para os solteiros acima de 25 anos deverão ser organizados grupos de Interesses Especiais em âmbito de estaca e regional, dependendo das necessidades locais.

O representante regional dos Doze funcionará como supervisor desses dois grupos da AMM do Sacerdócio de Melquisedeque em sua região. Se conveniente, poderão ser formados organizações separadas em âmbito regional para Jovens Adultos e Interesses Especiais, consistindo neste caso de um presidente de estaca que serviria como supervisor do Sacerdócio, um sumo-conselheiro de cada estaca da região, e oficiais regionais necessários.

No âmbito da estaca, os Jovens Adultos e Interesses Especiais serão supervisionados pela presidência da estaca, o sumo conselho e o comitê do Sacerdócio de Melquisedeque da estaca. Os dois grupos serão servidos separadamente por um supervisor do sumo-conselho, oficiais chamados pelo presidente da estaca, e representantes das alas de acordo com as necessidades.

Ao fazer o anúncio, a Primeira Presidência notou que uma das principais características da AMM sempre foram os programas atléticos da Igreja. Estes programas continuarão normalmente. As modificações adotadas também não afetarão os eventos como "shows" ambulantes, festivais de dança e música, e outras atividades anteriormente associadas à AMM.



Presidência da AMMR: Robert L. Backman, Le Grand R. Curtis e Jack H. Goaslind Jr.



Presidência da AMMM: Ruth Handy Funk, Hortense H. Child e Ardeth G. Kapp.

Estacas de São Paulo em Conferência



O Presidente Puerta e demais oficiais apoiam a Presidência da Igreja.

Com a realização de suas conferências trimestrais, as estacas paulistas congregaram cerca de 3.500 santos para ouvir as instruções e mensagens de seus líderes. Os membros da Estaca São Paulo Sul reuniram-se sob a presidência do Presidente Saul M. de Oliveira e seus conselheiros em duas seções, sendo a primeira realizada em Santos para os membros da baixada santista, e a segunda à tarde na Capela de Sto. André para as outras

O Presidente Spat da E.S.P. fala à congregação





O Coro da Ala V na conferência da E.S.P.



A Mini-Conferência da E.S.P.L.

unidades da estaca. Ambas as seções foram realizadas em 14.1.73.

A Estaca São Paulo reuniu-se posteriormente no dia 21.1.73, pela manhã ocupando as dependências da Capela de Pinheiros, a reunião foi presidida pelo Élder Theodore Burton, do Conselho dos Doze. No mesmo dia 21, à tarde, reuniu-se a Estaca São Paulo Leste, que também contou com a presença do Élder Burton. Um fato de muito interêsse foi a realização da Mini-Conferência para crianças de

até 6 anos de idade, que a Estaca São Paulo Leste vem realizando costumeiramente a cada conferência-trimestral. Alí os pequenos, sob a orientação da Escola Dominical Junior da Estaca passaram momentos agradáveis, aprendendo o evangelho através de filmes, histórias em slides, atividades de classe, canções e inclusive receberam a visita do Élder Burton que deixou uma pequena mensagem aos mini-conferencistas.

Élder Burton causou profunda impressão com sua mensagem.



O Coro da Ala II e Jardim da Saúde abrilhantou a reunião da E.S.P.L.



